

Instituto Politécnico de Beja

Escola Superior de Educação

Mestrado em Serviço – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local

“A Intervenção do Assistente Social como elemento de uma Equipa
Multidisciplinar de uma Casa de Acolhimento – um caso da Santa Casa da
Misericórdia de Albufeira”

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Serviço Social – Riscos
Sociais e Desenvolvimento Local apresentada na Escola Superior de Educação
do Instituto Politécnico de Beja

Lara Rodrigues Silva, n. °18919

Instituto Politécnico de Beja

Escola Superior de Educação

Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local

“A Intervenção do Assistente Social como elemento de uma Equipa
Multidisciplinar de uma Casa de Acolhimento – um caso da Santa Casa da
Misericórdia de Albufeira”

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Serviço Social – Riscos
Sociais e Desenvolvimento Local apresentada na Escola Superior de Educação
do Instituto Politécnico de Beja

Elaborado por:

Lara Rodrigues Silva, n. °18919

Orientado por:

Professora Antónia Luísa Ferro da Silva

**“Quando vejo uma criança, ela inspira-me dois
sentimentos: ternura, pelo que é, e respeito pelo que pode
vir a ser.”**

Louis Pasteur

Agradecimentos

Um agradecimento especial à minha orientadora de dissertação, Prof.^a Doutora Antónia Silva pela excelente forma como orientou todo este processo, pelo seu incentivo e colaboração através das suas sugestões e do debate constante entre a aluna e a professora em relação ao trabalho realizado, e pela disponibilidade que sempre demonstrou em ajudar sempre que fosse preciso.

Aos meus professores que, ao longo do mestrado, tiveram um papel fundamental.

Agradecer também aos meus familiares, principalmente aos meus pais, irmão, avós e ao meu namorado, pois demonstram afeto, amor e apoio incondicional em todas as fases deste percurso e agradecer também por todos os momentos de paciência e por terem sido uma importante força nesta etapa assim como em todas as outras do meu percurso académico.

Agradeço à Escola Superior de Educação pelos conhecimentos adquiridos nas componentes das unidades curriculares.

Gratulo também à minha amiga, Luana Trindade, por me terem acompanhado não só no decorrer de todo o mestrado, mas também nesta última etapa tão importante, obrigada amiga por toda a paciência e companheirismo, contigo foi tudo mais fácil.

Muito agradecida

Resumo:

A presente dissertação de mestrado insere-se no âmbito do Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local.

Levando em conta algumas debilidades de certas estruturas familiares, isto remete com que crianças e jovens estejam desta forma sujeitos a sofrerem de maus-tratos.

Muitas das dificuldades dos profissionais de Serviço Social, prendem-se com os fatores externos, isto é, com os recursos da sociedade que nem sempre existem e/ou que não se dispõem a colaborar neste trabalho árduo com as famílias. Este é um trabalho necessário e urgente para o bem da sociedade, visto que desta forma, todos temos o dever de colaborar para o bem da vida daqueles que serão os homens e mulheres do amanhã.

O desenvolvimento da dissertação desenrolou-se em dois eixos principais. Numa primeira fase procedeu-se ao enquadramento teórico e numa segunda fase, procedeu-se à realização do estudo empírico.

Palavras-chave: crianças; exclusão social; institucionalização; jovens; maus-tratos; pobreza; risco;

Abstract:

This master's thesis is part of the Master's Degree in Social Work - Social Risks and Local Development.

Taking into account the weaknesses of certain family structures, this means that children and young people are subject to abuse.

Many of the difficulties faced by social work professionals have to do with external factors, i.e., the resources of society that don't always exist and/or aren't willing to collaborate in this arduous work with families. This is necessary and urgent work for the good of society, as we all have a duty to collaborate for the good of the lives of those who will be the men and women of tomorrow.

The dissertation was developed along two main lines. Firstly, the theoretical framework and secondly, the empirical study.

Keywords: abuse; children; institutionalization; poverty; risk; social exclusion; young people.

Índice

Resumo:	5
Abstract:	6
Introdução:	10
1. Enquadramento Teórico	12
1.1. Temática/Problemática	12
1.2 Infância e Juventude	12
1.3. Superior Interesse da Criança	13
1.4. Conceitos de Risco e Perigo	14
1.4.1. Fatores de Risco e de Proteção	15
1.5. Enquadramento Legal e Jurídico do Sistema de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo.....	15
1.6. Conceito de Família	18
1.6.1. Tipos de Família.....	20
1.7. O Acolhimento Residencial	21
1.7.1. Fases do Acolhimento residencial	22
1.8. O Serviço Social.....	24
1.8.1. Funções Partilhadas e Específicas do Assistente Social	27
1.8.2. O papel do Assistente Social na área da proteção de menores.....	30
2. Contextualização sociodemográfica do território.....	31
3. Contextualização da Instituição.....	35
4. Enquadramento Metodológico.....	47
4.2. Universo-População e Processo de Amostragem	48
4.3. Modelo de Investigação.....	49
4.4. Técnicas de Recolha de Dados.....	50
4.5. Técnicas de tratamento e análise de dados.....	52

5. Apresentação de Resultados	53
5.1. Discussão dos Resultados	75
6. Considerações Finais e Limitações do Estudo.....	77
Referências Bibliográficas	80
APÊNDICES.....	82
Apêndice 1 – Entrevistas.....	83
Apêndice 2 – Questionário	113
Apêndice 3 - Declaração de Consentimento	196

Índice de Figuras:

Figura 1- Mapa do Distrito de Faro.....	31
Figura 2- Mapa das Freguesias de Albufeira.....	32

Índice de Tabelas:

Tabela 1 - Taxa bruta de natalidade.....	33
Tabela 2 - Taxa de Fecundidade Geral.....	34
Tabela 3 - Taxa Bruta de Mortalidade	34
Tabela 4 - Tabela de Análise de Conteúdo das Entrevistas.....	53
Tabela 5 - Análise de Conteúdo dos Questionários	72

Abreviaturas e Siglas:

CPCJ – Comissão de Proteção de Menores

COAS – Centros de observação e ação social

CAT – Casa de Acolhimento Temporário

CNPDPCJ – Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens

CRP – Constituição da República Portuguesa

CDC – Convenção sobre os Direitos das Crianças

CAFAP - Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental

CA – Casa de Acolhimento

EMAT – Equipas de assessoria aos tribunais

ECMIJ – Entidades com competência em matéria de infância e juventude

EAI – Experiências Adversas na Infância

FIAS – Federação Internacional dos Assistentes Sociais

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

LNES – Linha Nacional de Emergência Nacional 144

LIJ – Lar de Infância e Juventude

LPCJP – Lei de promoção e proteção de jovens em perigo

OTM – Organização Tutelar de Menores

PORDATA – Base de dados de Portugal Contemporâneo

PAFAC – Projeto de Apoio à Família e à Criança

SCMA – Santa Casa da Misericórdia de Albufeira

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

Introdução:

A presente dissertação insere-se no Curso de Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, lecionado no Instituto Politécnico de Beja e orientado pela Professora Antónia Silva.

Esta investigação desenvolve-se no âmbito da problemática do acolhimento residencial das crianças e jovens em perigo residente no Algarve, tendo como campo de análise o município de Albufeira, no distrito de Faro.

A escolha da tese esta relacionada com a pergunta de partida uma vez que a investigadora surge com o interesse e a necessidade de aprofundar os conhecimentos quanto à problemática das crianças e jovens em perigo, vivência das crianças e jovens numa casa de acolhimento, procurando perceber de que forma o facto de se viver em acolhimento residencial poderá condicionar aspetos como a qualidade de vida e bem-estar. Assim como a facilidade em fazer a sua investigação na Casa de Acolhimento apresenta no seu estudo.

Ao longo dos anos, o crescimento e desenvolvimento das crianças e dos jovens têm sido alvo de atenção por parte dos poderes públicos. Nesse sentido, têm sido implementadas e ajustadas políticas de proteção e medidas de intervenção por forma a salvaguardar o interesse superior da criança, as suas necessidades e o seu bem-estar.

O estudo sobre os sinais de risco e de perigo, bem como das suas consequências para as crianças e jovens tem vindo a ser cada mais desenvolvido por forma a encontrar soluções que preservem o seu estado quer físico, psicológico e emocional.

Várias são as medidas de proteção existentes em Portugal direcionadas à infância e juventude e, não obstante se privilegiar as que se destinam à manutenção da criança no seu meio natural de vida, o acolhimento continua a ter uma expressão a não desconsiderar, sendo o acolhimento residencial claramente superior ao acolhimento familiar.

Desta forma, traçaram-se quatro objetivos específicos que servem de suporte e fios condutores a esta investigação, nomeadamente: Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na

integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota, conhecer as funções e competências dos elementos da equipa multidisciplinar da Casa de Acolhimento – “A Gaivota”, conhecer a metodologia do acolhimento das crianças e jovens, caracterizar o acompanhamento interno destas crianças e jovens e por fim, conhecer as etapas de integração das crianças e jovens na instituição caracterizar o conceito de infância e juventude.

No primeiro ponto irá ser abordado o Enquadramento Teórico, onde a investigadora se desborca em alguns temas relacionadas com a Temática da Pergunta de Partida.

No segundo ponto segue-se a Contextualização Sociodemográfica do território, procurando primeiramente caracterizar o concelho de Albufeira de forma administrativa, demográfica e geográfica.

No terceiro ponto segue-se o Enquadramento Metodológico, onde se apresenta a metodologia de investigação baseada nas ideias de Quivy, Fortin (2009), apresentando-se a questão de partida e os objetivos delineados para a investigação, assim como o universo, amostra, instrumentos de recolha e tratamento de dados.

O quarto ponto consiste na apresentação de discussão dos resultados, tendo como suporte um Diagnóstico Social elaborado pela investigadora.

Importa salientar que para esta investigação, como instrumentos de recolha de dados, serão aplicadas entrevistas à equipa multidisciplinar desta casa de acolhimento, assim como a utilização de um questionário a um grupo de crianças e jovens desta casa, esta investigação apresenta uma abordagem mista, uma vez que a recolha de dados tem por base a abordagem quantitativa e qualitativa.

Por fim, a investigação será finalizada com as considerações finais, onde irá constar o balanço de todo o processo da investigação, assim como a resposta aos objetivos delineados e as conclusões da investigação, seguindo-se ainda a bibliografia pesquisada para a execução da dissertação, apêndices.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Temática/Problemática

O Enquadramento Teórico pretende expor a informação obtida através da consulta e análise bibliográfica que se julgou relevante para a compreensão da temática em estudo, e que proporcionou dados suscetíveis de ajudar a responder cientificamente às questões de partida.

A problemática é a abordagem ou a perspetiva teórica que decidimos adotar para tratarmos o problema formulando pela pergunta de partida. Sendo que esta é uma maneira de interrogar os fenómenos estudados, constituindo uma etapa-charneira da investigação, entre a rutura e a construção.

As organizações onde os profissionais exercem a profissão direcionam a sua ação para as várias expressões da velha e nova questão social, sobretudo para a pobreza e exclusão, a solidão e isolamento de pessoas idosas, a doença mental, o desemprego e as crianças e jovens em situação de perigo. Estas problemáticas não são exclusivas de um setor, mas antes se entrecruzam entre os vários setores das políticas sociais, influenciando, assim, a ação das organizações e estes profissionais.

A elaboração da problemática é uma operação frequentemente realizada em dois momentos. Num primeiro momento trata-se de pesquisar as leituras e as entrevistas e de construir uma ligação dos diversos aspetos da questão que foram demonstrados, enquanto no segundo instante podemos selecionar e produzir a nossa exclusiva problemática (Quivy, 2003, p.89).

1.2 Infância e Juventude

A conceção da infância, tem evoluído ao longo dos tempos, sendo vista não apenas como uma condição biológica, mas sim como um conceito social que merece a nossa especial atenção (Rodrigues,018).

Deste modo, foi visível a evolução do conceito de infância ao longo dos tempos, passando a criança a ser vista como um ser único, com direitos.

Alguns dos marcos históricos que contribuíram para a defesa dos direitos das crianças e dos jovens, foram designadamente: a Declaração dos Direitos da Criança em Genebra (1923), a Criação do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF – 1946), a Declaração dos Direitos da Criança (1959), a Organização Tutelar de Menores (1978) e a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP, 1999) (Lopes, 2017).

A nova reflexão perante a infância, reflete-se também na missão e visão do acolhimento residencial. São algumas as mudanças introduzidas nas revisões da LPCJP, uma das mais notórias é a união da nomenclatura de Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude, sendo atribuída a designação de acolhimento residencial. Esta designação remete para um ambiente mais familiar que se guia através de uma intervenção terapêutica (Almeida et al., 2021)

1.3. Superior Interesse da Criança

É fundamental abordar o superior interesse da criança, uma vez que, de acordo com a LPCJP e com um dos princípios da CDC, é um dos princípios orientadores da intervenção em situação de risco ou de perigo para a criança.

Desta forma, no que concerne ao superior interesse da criança, confere a esta, o direito de ter o seu interesse superior avaliado e tido em conta, de forma primacial, em todas as ações ou decisões que lhe digam respeito, tanto na esfera pública, como privada.

Nesta perspetiva, o conceito do interesse superior da criança é, portanto, flexível e adaptável e por isso deverá ser ajustado e definido numa base individual, em conformidade com a situação específica da criança ou das crianças envolvidas, tendo em conta o seu contexto, situação e necessidades pessoais.

O Comité considera que os elementos a ter em conta ao avaliar o interesse superior da criança, como pertinentes para a situação em causa, são os seguintes:

- ✓ A opinião da criança:

O facto de a criança ser muito pequena ou se encontrar numa situação de vulnerabilidade não a priva do direito a exprimir a sua opinião, nem reduz a importância atribuída à opinião da criança na determinação do seu superior interesse.

- ✓ A identidade da criança:

A diversidade deve ser tida em conta ao avaliar o superior interesse das crianças, uma vez que estas não constituem um grupo homogéneo.

- ✓ A preservação do ambiente familiar e manutenção de relações:

No contexto a potencial separação da criança dos seus pais, a reavaliação e a determinação do superior interesse da criança é indispensável.

1.4. Conceitos de Risco e Perigo

De acordo com a CNPDPCJ (2022), considera-se que uma criança está em situação de risco, quando se pressupõe a existência de perigo potencial que comprometa e limite a materialização dos direitos das crianças (como, por exemplo, uma situação de carência económica), embora esta denominação não se enquadre no mesmo parâmetro de probabilidade que a conceção legal de perigo conclui. A conservação ou agravamento dos fatores de risco podem em determinadas situações originar uma situação de perigo, quando não se revelam fatores de proteção ou compensatórios. Porém, uma situação de perigo pode suceder, sem ser através da sequência de uma situação antecedente de risco, podendo também advir de uma situação de crise aguda (como morte, divórcio, entre outros) (Goulart, 2022).

São consideradas situações de perigo, aquelas em que a criança e jovem: está perante uma situação de abandono; é vítima de maus-tratos e/ou abuso sexual; não tem assegurados os cuidados adequados que vão ao encontro da sua idade e situação pessoal; os seus cuidados estão entregues a terceiros, sem o exercício das funções parentais pelos pais; é obrigada a atividades excessivas e desadequadas face à faixa etária, comprometendo a dignidade, formação e desenvolvimento; a sua segurança, equilíbrio emocional, saúde, formação, educação ou desenvolvimento são gravemente afetados através de

comportamentos, atividades ou consumos, que não são indeferidos nem protestados pelos pais, representante legal ou quem tenha a sua guarda de facto, por modo a colocar fim à situação; não tem nacionalidade portuguesa encontra-se acolhida sem autorização de residência em território nacional (cf. art.º 3.º, n.º 2 da LPCJP).

1.4.1. Fatores de Risco e de Proteção

Os fatores de risco podem incluir fatores que dizem respeito à criança, aos progenitores, ao contexto/comunidade, ao parto/pós-parto. Exemplos de fatores de risco são: progenitores em situação de alcoolismo e/ou desemprego; surgimento de infeções/hemorragias após o parto (Távora, 2019).

Os fatores de proteção podem estar relacionados com o indivíduo, a família, rede de suporte do indivíduo, comunidade e sociedade, sendo caracterizados como variáveis psicológicas, físicas e sociais, que contribuem para o desenvolvimento integral da criança e/ou jovem, podendo reduzir ou eliminar os fatores de risco existentes (Durão, 2020)

1.5. Enquadramento Legal e Jurídico do Sistema de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

Se uma criança está em risco recorre-se a entidades com competência em matéria e juventude para que se encontre uma solução para combater esse risco e não permitir que se torne em algo mais grave.

Quando a criança já está em perigo as comissões de proteção de crianças e jovens têm que atuar, tentando perceber a fonte do problema, tentando perceber a que tipo de perigo a criança está sujeita e depois tomam medidas para que a situação de perigo deixe de existir.

Em 2001, entra em vigor em Portugal, um novo sistema de promoção e proteção de crianças e jovens, que contempla a LPCJP (Lei n.º147/99, de 1 de setembro). Contudo, este sistema já existe desde 1911 e transformou-se em

1999. Este sistema enquadra a Constituição da República Portuguesa (CRP) e a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) (Sousinha, 2018).

Relativamente à LPCJP, aprovada pela lei n.º 147/99 de 1 de setembro, é importante mencionar que a mesma foi alvo de alterações, implementadas pelas Leis n.º 31/2003, de 22 de agosto, n.º 142/ 2015, de 8 de setembro, n.º 23/ 2017, de 23 de maio, e n.º 26/ 2018, de 5 de julho. A presente Lei contempla a CDC quando salienta que para a criança e jovem se desenvolverem de forma plena e integral, é imprescindível terem como garantidos os seus direitos que se ramificam em direitos sociais, económicos, civis e culturais, devendo olhar-se para a criança e jovem como um ser único, merecedor de direitos humanos (Almeida et al., 2021).

É em contexto familiar que a criança e jovem deve crescer com a segurança e presença de uma vida digna, onde o seu desenvolvimento não seja deficitário e os seus direitos estejam sempre assegurados. Todavia existem contextos familiares que devido a diversos fatores complexos, colocam as crianças em situação de perigo, pelo que, a sua integridade, a par da saúde, segurança, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral são afetados negativamente (Rodrigues, 2018).

Deste modo, é imprescindível uma intervenção que seja orientada de acordo com a promoção dos direitos e proteção da criança e jovem em perigo. Esta intervenção rege-se em consonância com as entidades com competência em matéria de infância e juventude, com as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) e com os Tribunais (art.º 6.º da LPCJP) e é aplicada quando a criança e/ou jovem se encontram perante uma situação de perigo, ou quando, o mesmo persiste, sem que os pais, representante legal ou quem tenha a guarda de facto, os proteja ou afaste do mesmo (Lopes, 2021).

Quando se aborda as entidades com competência em matéria de infância e juventude, está-se a referir a escolas, instituições particulares de solidariedade social, serviços de saúde, entre outras. Estas entidades têm como princípios orientadores, avaliar, diagnosticar e intervir em situações onde se verifique a existência de risco e de perigo, procurando agir em consenso com os responsáveis pela criança e/ou jovem (cf. art. ºs. 7.º, n.º 3 e n.º 4, al. a) da LPCJP) e com a criança e/jovem com idade igual ou superior a 12 anos (art.º

10.º, n.º 1 da LPCJP). Contudo, existem situações que não competem às entidades com competência em matéria de infância e juventude, pelo que, as mesmas comunicam às CPCJ as situações de perigo, para que a intervenção face às circunstâncias seja a mais adequada, consistente e consolidada com a finalidade de proteger a criança e/ou jovem (Vieira, 2017).

As CPCJ's são entidades não judiciais, que são orientadas pelo Ministério público e procuram dar resposta aos municípios. Uma das suas funções consiste em articular com as famílias, com a finalidade de contratualizarem o acordo de promoção e proteção onde constam os planos e estratégias que visam eliminar as situações de perigo existentes e assegurar os direitos das crianças e jovens à educação, saúde, proteção, segurança, desenvolvimento físico, afetivo, emocional e a todos os aspetos que se revelem pertinentes e indispensáveis a uma vida digna e a um crescimento adequado e saudável (Lopes, 2017).

Em relação aos tribunais, e como consta na LPCJP, o mesmo intervém em situação de inexistência de uma CPCJ na área de residência do menor, no caso da intervenção da CPCJ se revelar ineficaz, ou se existir oposição do jovem com idade igual ou superior a 12 anos face à intervenção a ser desenvolvida pela CPCJ. Tendo em consideração o supramencionado, é importante realçar que as CPCJ e os Tribunais são titulares de poder para aplicar medidas de promoção dos direitos e proteção das crianças e jovens. Estas medidas estão explanadas no art.º 35, n.º 1 da LPCJP, existindo as medidas em meio natural de vida, que constituem as medidas de apoio junto dos pais, apoio junto de outro familiar, confiança a pessoa idónea e apoio para a autonomia de vida e as medidas que pertencem ao regime de colocação, tal como a medida de acolhimento familiar e de acolhimento residencial (Almeida et al., 2021).

Existem ainda medidas que estão sob a aplicação única dos tribunais, que são as medidas de confiança a pessoa selecionada para adoção, a família de acolhimento ou instituição com vista à adoção (Almeida et al., 2021).

São consideradas situações de perigo, aquelas em que a criança e jovem: está perante uma situação de abandono; é vítima de maus-tratos e/ou abuso sexual; não tem assegurados os cuidados adequados que vão ao encontro da sua idade e situação pessoal; os seus cuidados estão entregues a terceiros, sem

o exercício das funções parentais pelos pais; é obrigada a atividades excessivas e desadequadas face à faixa etária, comprometendo a dignidade, formação e desenvolvimento; a sua segurança, equilíbrio emocional, saúde, formação, educação ou desenvolvimento são gravemente afetados através de comportamentos, atividades ou consumos, que não são indeferidos nem protestados pelos pais, representante legal ou quem tenha a sua guarda de facto, por modo a colocar fim à situação; não tem nacionalidade portuguesa encontra-se acolhida sem autorização de residência em território nacional (cf. art.º 3.º, n.º 2 da LPCJP).

A identificação e sinalização de situações em que a criança e/ou jovem está perante uma situação de risco e/ou perigo, são geralmente realizadas por terceiros ou serviços sociais. Geralmente, quando a identificação é efetuada pelos serviços sociais, a CPCJ dá início à sua intervenção em consonância com a LPCJP (Mota, 2021).

A LPCJP guia-se pelo superior interesse da criança, e procura orientar primeiramente a intervenção para as medidas em meio natural de vida e a reunificação familiar. Se a criança e/ou jovem não estiver perante uma situação de risco iminente, são implementadas medidas que visam a “proteção e apoio junto da família nuclear, ou outros cuidadores, ou familiares do círculo mais alargado” (p.27) com o objetivo de dar resposta às necessidades presentes (Mota, 2021).

A possibilidade de o risco e o perigo permanecerem, tem como consequência a retirada da criança e/ou jovem do contexto familiar, decisão declarada pelo tribunal, que pode ser de carácter temporário ou permanente.

1.6. Conceito de Família

Pode-se definir uma família como sendo uma “união de pessoas que compartilham um projeto vital de existência em comum, o qual se quer duradouro, sendo nele que se geram fortes sentimentos de pertença a esse grupo, existe um compromisso pessoal entre os seus membros e estabelecem-se intensas relações de intimidade, reciprocidade e dependência” (Palácios & Rodrigo, 1998, p.33, cit in Valente, 2009).

A família é a principal responsável por uma criança que, necessita de especiais cuidados para se poder desenvolver. As famílias que não conseguem gerir a sua funcionalidade na forma como educam uma criança são comumente objeto de intervenção dos técnicos de intervenção social. Estas famílias são normalmente caracterizadas na literatura como famílias multiproblemáticas (Alarcão, 2006), sendo que, ao longo dos anos, a definição deste tipo de famílias foi evoluindo, sendo mais recentemente designadas como multiassistidas (Linares, 1997), multistressadas (Madsen, 1999, cit in Coletti & Linares) e multidesafiadas (Summer, McMann e Fuger, 1997).

Inicialmente, considerava-se que o foco da dificuldade destas famílias se encontrava no contexto socioeconómico baixo, assumindo que a pobreza como principal critério (Sousa, 2005).

Para Cancrini, Gregorio e Nocerino (1997, cit in Alarcão, 2006), as famílias multiproblemáticas assumem uma situação, normalmente caracterizada por uma insatisfatória realização das tarefas familiares em aspetos organizativos e aspetos relacionais. Estas famílias vivem em situações de miséria e a precaridade revela-se como um espelho da própria desorganização emocional dos seus elementos (Alarcão, 2006). Normalmente, no que concerne a situação económica, estas famílias subsistem através de subsídios e ajudas institucionais. No que concerne aos aspetos relacionais, pode-se considerar que normalmente são os filhos que se constituem como o motivo de intervenções, sendo que os principais problemas dos filhos são: o absentismo escolar, problemas graves de comportamento, no que diz respeito ao comportamento dos pais considera-se como principais problemas: a negligência e os maus-tratos. Reconhecem-se então problemas ao nível da parentalidade, onde a função vinculativa e socializadora se demonstra deficitária, bem como problemas de conjugalidade (p. ex: violência doméstica) (Alarcão, 2006). Estas famílias não tem um problema particular, mas sim um conjunto de problemas que desencadeia situações de stresse (Muñoz & Haz, 2007). Estes problemas, á medida que ocorrem, põe os seus elementos, particularmente as crianças, em constante situação de risco, sendo muitas vezes necessária uma intervenção externa (Abreu, 2011).

Mais tarde a literatura adotou o nome de famílias multidesafiadas (Summer, McManm & Fuger, 1997) para se referir à realidade destas famílias que apresentam sintomas individuais, múltiplos e variados com uma inclinação para o caos e para desorganização. É, muitas vezes, neste tipo de famílias onde surgem situações de institucionalização das crianças (cit in Sousa, 2005).

Esta designação é aquela que é hoje em dia mais utilizada para poder definir este tipo de famílias, é considerada como a mais adequada, visto que desta forma as famílias passam a ser vistas como um desafio, com necessidades de alterações a impulsionar a mudança que é necessária ocorrer, de forma a tornar estas famílias mais capazes nas suas dificuldades (Silva, 2013).

Neste sentido, importa referir que quando se fala em família, este conceito remete na maioria das vezes para competência parental. Segundo Pereira e Alarcão (2010), a avaliação da parentalidade é um dos vetores da “progressiva especialização das intervenções desenvolvidas no âmbito da proteção à infância” (Pereira & Alarcão, p. 500, 2010).

A competência parental refere-se a gerar e coordenar respostas, sejam elas afetivas, cognitivas, comunicativas e comportamentais. Essas respostas têm de ser flexíveis e adaptativas tanto a curto como a longo prazo. Esta designação requer uma competência que têm de ser multidimensional, dinâmica e contextual. Estas competências requerem oportunidades e aprendizagem de habilidades de forma a dar resposta a necessidades que possam surgir. E posteriormente, poder dar um reconhecimento social às mesmas. (López & Arpini, 2009).

1.6.1. Tipos de Família

No que diz respeito à estrutura familiar Cancrini, Gregorio e Nocerino (1997, citados por Sousa, 2005) identificaram como estruturas típicas destas famílias: pai periférico, casal instável, mulher só e família petrificada.

✓ Pai periférico - onde a figura paternal não tem trabalho ou trabalha por longas horas, o que o obriga a passar pouco tempo em casa, tem geralmente, um nível de instrução e de competências baixo. Pode representar um papel

secundário a nível económico e emocional e não mantem um relacionamento próximo e estável com a família. Este pai descrito pela maioria das mães como incapaz de cuidar da família, violento/ou alcoólico, revela-se muitas vezes uma surpresa positiva e bem diferente da caracterização que lhe foi atribuída.

✓ Casal instável - caracteriza-se por casamentos ou relações esporádicas, entre pessoas muito jovens que não conseguem constituir uma família autónoma a nível económico ou habitacional, entre outros. São relações de curta duração, mas das quais ficam os filhos. Geralmente ocorrem alguns conflitos pela custódia dos filhos, esta situação culmina geralmente com a figura da avó (quase sempre materna) a assumir toda a responsabilidade sobre esta família, não só como mãe da filha, mas também do (s) neto (s).

✓ Mulher só - mulheres que criam os filhos sozinhas, após várias relações instáveis. São geralmente, mulheres de estatuto social e cultural baixo, que passaram por instituições ou que vivem em torno da prostituição ou outras atividades marginais ou subalternas. Raramente o vínculo pelos filhos consegue alterar a sua vida desorganizada e frequentemente o tribunal de menores acaba por se encarregar das crianças.

✓ Família petrificada - verifica-se após um acontecimento traumático e imprevisto (morte, desemprego...) e vem provocar uma alteração profunda no funcionamento do sistema familiar e por consequência nos papéis dos diferentes membros.

1.7. O Acolhimento Residencial

O acolhimento residencial de acordo com a LPCJP, é uma medida que assegura o desenvolvimento integral da criança, bem como todos os cuidados que se revelem pertinentes, pelo que procede à colocação da criança num ambiente seguro que seja detentor de instalações, equipamentos e recursos humanos que tenham formação para intervir na área, por forma a garantirem a satisfação das necessidades físicas, emocionais e sociais da criança e/ou jovem (Goulart, 2022).

Esta medida é revista no final de 2019 (Decreto-Lei n.º 164/2019, de 25 de outubro) e tem como finalidade promover a existência de qualificação e qualidade no acolhimento residencial, onde as equipas técnicas e educativas são capacitadas e altamente competentes para uma intervenção adequada (Sousinha, 2018).

Caracteriza-se como uma intervenção adequada, aquela que contribui para a satisfação das necessidades físicas, emocionais, psíquicas, educacionais e desenvolve as ferramentas necessárias para uma vida autónoma ou para criar condições para que seja possível a reunificação familiar. Para uma intervenção mais consistente, próxima e familiar, é ainda definido na regulamentação que cada CA não pode acolher mais do que 15 crianças e/ou jovens por unidade residencial (Almeida et al., 2021)

1.7.1. Fases do Acolhimento residencial

O Acolhimento Residencial contempla diversas fases (Almeida et al., 2021):

Preparação, acolhimento e avaliação diagnóstica – deve-se explicar à criança e/ou jovem a medida aplicada, tendo em consideração a sua idade, com o objetivo de a preparar para a vivência num outro contexto, exceto em situações de integração urgente. Esta responsabilidade pertence à entidade que aplicou a medida, ao gestor do processo e da CA, sendo de extrema relevância a partilha de informação referente a avaliações anteriores que tenham sido realizadas, à situação de perigo que originou o acolhimento, bem como, das necessidades da criança e/ou jovem e os respetivos recursos que a CA tem ao seu dispor.

Elaboração e concretização do plano de intervenção individual – contempla um conjunto de ações a serem desenvolvidas de acordo com as necessidades, vulnerabilidades e potencialidades da criança e/ou jovem, tendo presente para além das ações, as entidades a envolver e a duração de cada ação. Este plano implica a monitorização e avaliação pelas entidades e profissionais que sejam imprescindíveis para a sua concretização.

Execução e avaliação – A equipa técnica da CA e o gestor do processo para procederem à execução e avaliação necessitam de articular com as entidades da comunidade onde a criança está inserida, promover atividades conjuntas entre a família e a criança e/ou jovem para uma melhor observação da interação familiar, comunicação e potencialização de competências pessoais, relacionais, familiares e sociais.

Revisão da medida – pretende avaliar o estado do processo, dando-se primazia aos seguintes aspetos: “satisfação das necessidades da criança e/ou jovem; estabilidade e competências pessoais e emocionais; cumprimento dos planos escolares e de saúde; desenvolvimento das capacidades e competências pessoais e sociais; integração social e comunitária; evolução da capacitação da família” (p.116).

Cessação do acolhimento – decorre quando se prevê a reunificação familiar, apadrinhamento civil, autonomia de vida, ou em última instância quando o tribunal decreta a adoção.

O tempo do acolhimento, deve securizar, capacitar e intervir no processo da autonomização tanto da crianç a e/ou jovem como da sua família, sempre em concordância com o respeito, as necessidades, e o superior interesse da crianç a, por forma a certificar que existe dinamização da concretização dos projetos de vida que se revelem como os mais adequados ao desenvolvimento integral da crianç a ou jovem (Goulart, 2022). Procura-se fomentar sempre a participação e inclusão da família (Lopes, 2017).

Para que as CA consigam intervir da forma mais adequada com as crianç as e/ou jovens e com as famílias,   elementar o estabelecimento de parcerias e intervenção integrada com entidades pertencentes   comunidade (Lopes, 2017).

Apesar de o acolhimento residencial se revelar como uma alternativa para a crianç a e/ou jovem que se encontra em situação de perigo,   algo que se procura que seja temporário, tendo-se sempre como prioridade dar   crianç a e ao jovem o direito a uma família onde esteja presente o carinho, a proteção, a seguranç a, todos os cuidados necessários, assegurar todas as áreas imprescindíveis a um crescimento saudável e um desenvolvimento integral.

Quando estes aspetos por algum motivo são afetados, é necessária a intervenção do Estado que procura dar a resposta que se revele mais pertinente face à situação existente (Sousinha, 2018).

1.8. O Serviço Social

A construção da identidade do Serviço Social português passou por diversos momentos até chegar à definição apresentada nos dias de hoje. Porém, de uma forma breve, é possível clarificar que, inicialmente (anos 20 e 30 do século passado) a identidade profissional se definia como sendo assistencialista, em que o principal objetivo do profissional se restringia à diminuição dos problemas sociais, através de uma retribuição económica. Nesta fase, a intervenção era predominantemente feita tendo por base o voluntariado e a beneficência (Santos, 2009).

Uma segunda fase dá-se após a criação das primeiras escolas de Serviço Social em Portugal. A partir deste momento começou a existir uma base científica assente no positivismo que influenciou a metodologia utilizada pelos profissionais que passa a guiar-se pelo casework de Mary Richmond e o diagnóstico social.

Continuando com a referência do autor op. cit., é também nesta fase que o tipo de intervenção se baseia na adaptação da pessoa com necessidades ao sistema, ou seja, a pessoa em situação de necessidade é que tem que mudar e adaptar-se à estrutura social existente. Contudo o inverso não era esperado, ou seja, não se esperava que o assistente social conseguisse alterações nas estruturas sociais de modo a resolver determinadas situações de injustiça social.

Posteriormente surge uma terceira fase em que se dão muitas alterações políticas e sociais que se fizeram sentir na nossa sociedade, o que resultou no surgimento de novas perspetivas relativamente à intervenção social. É também aqui que ocorre um momento histórico para Portugal, a chegada de Marcello Caetano ao poder, em que progressivamente se criou um Estado de Bem-Estar

com direitos sociais novos, uma maior abertura aos novos conhecimentos das ciências humanas e das ciências sociais, e ainda um desenvolvimento social.

Todas estas mudanças resultaram numa influência positiva na formação de novos profissionais do Serviço Social, que por sua vez acabou por resultar numa mudança crucial do objeto de intervenção dos assistentes sociais. Assim, e contrariamente ao que acontecia na segunda fase da construção da identidade do Serviço Social, o objeto de intervenção passa a ser a estrutura social e as políticas em vigor, com o objetivo de promover a inclusão e o desenvolvimento das pessoas com necessidades sociais e em situações de exclusão. Perante tais factos, Santos (2009) afirma ser nesta fase que a identidade promocional do Serviço Social emerge.

A quarta fase ocorre no final dos anos 70 e no início dos anos 80, em que o mesmo autor a define como a identidade desenvolvimentista crítica. Nesta fase dá-se uma crise do paradigma positivista nas ciências sociais e ao mesmo tempo, surge pela primeira vez o Estado Providência, onde o Estado passa a ter um papel mais predominante na prestação de serviços aos indivíduos, tanto ao nível da saúde, como da educação, da segurança social e também da habitação. É nesta fase que os serviços sociais portugueses sofrem diversas alterações e se tornam num sistema de segurança social unido, que oferece um acesso igualitário à população, com o intuito de tornar a sociedade mais justa de forma a conseguir responder às necessidades de todos os cidadãos.

Mais tarde, com a adesão de Portugal à Comunidade Europeia, as instituições sociais começam também a assumir um papel mais normativo, bem como de controlo social, em que apenas as medidas de apoio social enunciadas na lei são aplicadas junto da população. Cabe ao assistente social partilhar os apoios com a população mais fragilizada.

Segundo Santos (2009) numa quinta fase é possível identificar o Serviço Social em três diferentes identidades: identidade humanista/desenvolvimentista, em que se pretende que haja um envolvimento por parte dos indivíduos, e ainda o estabelecimento de parcerias com vista ao desenvolvimento comunitário; identidade humanista/assistencialista, em que é feita uma intervenção pontual e individual, onde não há um envolvimento por parte do indivíduo, e onde se

pretende resolver os problemas mais urgentes. Por último, a identidade humanista/racional harmonizadora, sendo esta uma perspetiva menos clara que pretende criar uma aliança entre uma perspetiva mais distributiva, e uma perspetiva que capacita os indivíduos e lhes dá competência e incentivo para participar ativamente na comunidade.

Com o passar das décadas e sob as diferentes formas de Estado, vem o final dos anos 90 e início do século XXI, que leva à origem da sexta fase, onde a identidade do profissional se define pela Capacitação Social. Por outras palavras, o assistente social passa a ter um papel de transformação e capacitação do indivíduo vulnerável e não participativo, a fim de o tornar num indivíduo autónomo e que consiga participar de forma ativa (Santos, 2009).

Em suma, pretende-se que haja uma integração social e uma capacitação dos indivíduos de modo a ganharem uma maior autonomia e poder de decisão.

Relativamente à definição de Serviço Social, é em julho de 2000 que a Federação Internacional dos Assistentes Sociais (FIAS) define o Serviço Social como sendo uma profissão onde há a resolução e minimização dos problemas das pessoas, uma promoção da mudança social e também uma profissão que tem como objetivo capacitar e dar autonomia ao indivíduo de modo a que este consiga atingir o seu bem-estar. Para que os profissionais consigam atingir estes objetivos, existem teorias e princípios pelos quais se regem, como é o caso dos princípios dos direitos humanos e a justiça social, que são fundamentais no Serviço Social (Hare, 2004).

Folgheraiter & Raineri (2012) estudaram a definição apresentada pela FIAS e consideraram que esta não se encontrava devidamente explícita, apresentando uma definição mais abrangente do Serviço Social. Os autores definem o Serviço Social como sendo uma junção de várias profissões sociais, tendo na sua base todas as ciências sociais.

Este profissional tem o intuito de resolver os problemas existentes através do contributo humano e das potencialidades desenvolvidas a partir das interações pessoais.

Partilhando o descrito na definição de FIAS, também estes dois autores consideram a defesa dos direitos humanos e a justiça social como princípios fundamentais no Serviço Social, mas acrescentam mais dois: o princípio da autodeterminação e o princípio da reciprocidade. Folgheraiter & Raineri (2012) consideram que estes dois princípios estão na base do Serviço Social pois fundamentam o espírito do empowerment (empoderamento, ou seja, dar poder), que promove a liberdade e o poder de iniciativa da pessoa, de modo a torná-la capaz de atingir um bem-estar comum.

1.8.1. Funções Partilhadas e Específicas do Assistente Social

Ao atuar em diferentes áreas o Assistente social desempenha funções diretamente relacionadas com a especificidade da sua intervenção e outras que compartilha com outros profissionais. Ander-Egg (1995) classifica-as em duas categorias: funções compartilhadas e específicas.

Relativamente as funções compartilhadas, tal como o próprio nome indica, são funções que não são exclusivas do assistente social e onde há uma participação conjunta de outros profissionais, existindo o implementador de políticas sociais, onde se compreende a

(...) realização de atividades na prestação de serviços sociais específicos que beneficiam os cidadãos, tendo em vista os direitos sociais” com a “distribuição de bens e prestação de serviços para assistência, socorro, prevenção, reabilitação e/ou promoção (...), (Ander-Egg, E. 1995:47-48).

Dentro deste tipo de funções, Ander-Egg (1995) realça a função de educador social e animador-promotor, que é considerada uma competência importante em várias profissões, que pretende

(...) Impulsar e gerar ações que potencializem o desenvolvimento de indivíduos, grupos e comunidades (...) fornecer as condições para a participação ativa das pessoas na solução dos próprios problemas, (AnderEgg, E. 1995:47-48).

No âmbito das funções específicas, Ander-Egg (1995) apresenta-nos um conjunto de tarefas cujo desenvolvimento acarreta uma preparação especializada em Serviço Social.

Função de:

- ✓ Consultor, assessor, orientador, conselheiro social

Pretende dar apoio aos indivíduos, grupos e organizações de modo a satisfazer as necessidades básicas que possam existir; orientar os indivíduos na organização das suas atividades; auxiliar na utilização dos serviços existentes para a resolução dos problemas.

- ✓ Fornecedor de serviços

Oferecer serviços de apoio e ajuda às pessoas que se encontrem em estado de dependência, emergência e de marginalização; prestação de serviços sociais específicos.

- ✓ Informador – Agente de Remissão de Recursos e Serviços

Informar acerca de informação pertinente sobre outros serviços ou recursos externos; encaminhar para serviços disponíveis e ajudas alternativas.

- ✓ Gestor-Intermediário entre recursos e necessidades

Relacionar o sujeito, família ou organização com a instituição que preste o serviço: procura e obtenção de serviços de instituições que melhor se adequa às necessidades apresentadas.

- ✓ Investigador

Realização de investigações aplicadas e análise de dados para diagnosticar as necessidades e os problemas sociais existentes; promover investigações em que o indivíduo estuda os seus próprios problemas e encontra soluções para os mesmos; análise dos recursos e necessidades de serviços sociais.

- ✓ Planificador

Planificar atividades com o estabelecimento de objetivos e metas; elaborar projetos específicos; formulação de estratégias de modo a existir uma utilização mais racional dos recursos.

- ✓ Realizador e Avaliador

Proceder à realização de projetos e programas, em parceria com outras entidades e outros profissionais; realizar atividades e tarefas propostas num projeto específico. Controlo e avaliação das atividades e do funcionamento da

instituição onde trabalha; avaliar o programa, o processo e o seu desenvolvimento; avaliar a eficácia e eficiência desses mesmos programas.

✓ Reformador de Instituições – Ativista Social

Avaliar as necessidades qualitativas e quantitativas dos serviços sociais com o intuito de os melhorar e reorganizar; sugerir reformas no funcionamento e estruturação dos serviços com a finalidade dos mesmos serem mais eficazes e úteis.

✓ Identificador de situações-problema

Observar e identificar as situações onde os indivíduos se deparam com os seus direitos diminuídos como cidadãos que se encontram em risco; utilizar os recursos disponíveis para auxiliar nas situações-problema dos indivíduos. Durante todo o processo, é importante o profissional de Serviço Social apresentar uma postura de otimismo a fim de motivar a pessoa.

✓ Educador Social Informal

Apoiar o indivíduo e as famílias na aquisição de mais e melhores conhecimentos de modo a tornarem-se mais autónomos e conseguirem resolver os seus problemas sozinhos (empowerment). Ao lhes dar competências e poder para tomarem decisões das suas próprias vidas, há também uma promoção da participação ativa destes indivíduos na sociedade.

✓ Animador, facilitador, mobilizador, consciencializador

Incentivar a participação social de todas as pessoas na sociedade, bem como criar novas formas de participação, através do associativismo e da criação de grupos/organizações. Em conjunto com o indivíduo, o assistente social deverá promover e estimular espíritos críticos que sejam capazes de identificar situações de exclusão e de desrespeito.

✓ Mobilizador de Recursos Humanos

Consciencializar as pessoas dos seus problemas e necessidades; identificar competências de modo a promover o seu desempenho nas atividades sociais. Tomar decisões e criar ações com vista à resolução dos problemas da pessoa.

1.8.2. O papel do Assistente Social na área da proteção de menores

O Serviço Social inserido nas instituições, especialmente as que efetivam o acolhimento institucional, orientam-se pelo seu projeto de formação profissional que se dirige para uma prática de operacionalização e garantia de direitos, pela apreensão e enfrentamento dos problemas sociais sofridos por esses sujeitos no seu cotidiano no âmbito de um serviço específico ou articulado a outros, inclusive de outras políticas, ou seja, com o trabalho em redes de serviços.

Dentro dos espaços das instituições de acolhimento para crianças e adolescentes, o Serviço Social não trabalha com fragmentos da vida social, mas articula-os com a totalidade.

As situações que são vivenciadas pelos sujeitos, principalmente, relativas à criança e ao adolescente, quando da sua situação de risco social, e com a institucionalização, são consideradas e analisadas na sua dimensão universal e em sua especificidade, o que desafia a cada instante o profissional a apreender, revelar e solucionar as diversas expressões da questão social que permeiam o contexto desses sujeitos.

Deste modo, é possível verificar que o Assistente Social tem de possuir a capacidade de arranjar alternativas para solucionar os problemas destas crianças/jovens de acordo com as situações que estes apresentam.

O trabalho do profissional, além de ações de acompanhamento individual das crianças e adolescentes residentes nas instituições de acolhimento institucional, inclusão da família de origem na rede de serviços que garanta as seguranças afiançáveis da assistência social, inclui o trabalho socioeducativos com essas famílias a fim de dar suporte às famílias no restabelecimento dos vínculos entre seus membros e romper a cultura da violação de direitos como estabelece o Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária.

De acordo com Magalhães (2005), compete desta forma ao Assistente Social, no âmbito das crianças e jovens maltratadas, promover o seu o apoio psicossocial e acompanhamento social ao menor e à família, auxiliando-os no desenvolvimento de um projeto de vida, mediar o relacionamento na família (muitas vezes excluída) e desta com as instituições e com sociedade local,

promover o apoio domiciliário, através de uma equipa de técnicos especializados (ex.: educadores sociais), favorecendo a permanência do menor na família e no seu contexto social, preparar o menor, quando estiver em causa a sua retirada da família, preparar o menor para a realização de exames médicos ou para ausência em tribunal, elaborar os relatórios sociais com vista à definição do projeto da vida do menor e da família, elaborar relatórios sociais para os órgãos criminais, sempre que se justifique, e por fim colaborar com os programas de prevenção e maus-tratos.

Desta forma, enquanto mestranda, é possível concluir que o Serviço Social tem um papel preponderante na Intervenção e acompanhamento da criança/jovem e no seu desenvolvimento biopsicossocial, contribuindo assim para o seu bem-estar.

2. Contextualização sociodemográfica do território

O estudo enquadra-se no concelho de Albufeira, que fica localizado no Sul de Portugal, no centro da região do Algarve. Com uma área de cerca de 140 km² e com 40.729 habitantes, Albufeira apresenta uma densidade populacional de 289.6 hab/km².

O concelho de Albufeira situa-se no Distrito de Faro, fazendo parte dos dezasseis municípios que o constituem. Está integrado no grupo de concelhos incluídos na NUT III Algarve.

Figura 1- Mapa do Distrito de Faro



Fonte: Google.com

A sede do Concelho é a cidade de Albufeira, a qual dista cerca de 39 km da capital do distrito (Faro), a cerca de 250 Km da capital portuguesa, Lisboa e fica aproximadamente a 70 Km da fronteira com a Espanha (Ayamonte).

O concelho integra quatro freguesias que se estendem do litoral ao Barrocal algarvio – Albufeira e Olhos de Água, Ferreiras, Guia e Paderne – que conferem múltiplas paisagens a este território.

Figura 2- Mapa das Freguesias de Albufeira



Fonte: Google.com

Albufeira caracteriza-se por reunir as principais acessibilidades rodoviárias e ferroviárias que servem a região, dotando-a de condições ímpares na distribuição de tráfego, passageiros e mercadorias. Ao nível rodoviário destaca-se o atravessamento do concelho pelas vias A2, IC1, A22 e EN125, enquanto ao nível ferroviário pelas linhas do Sul e do Algarve, ambas com paragem na Estação de Albufeira-Ferreiras.

A centralidade do concelho aliada ao conjunto de acessibilidades disponível facilita as ligações à capital do país, Lisboa, assim como aos principais portos comerciais que servem a região, localizados em Faro e Portimão, mas também ao Porto de Sines, o mais importante porto do sul de Portugal. Cerca de 30 km distam de Albufeira ao Aeroporto Internacional de Faro, enquanto a

fronteira espanhola encontra-se a pouco mais de uma hora de distância, constituindo estas as principais portas de entrada de fluxos populacionais internacionais na região.

Albufeira é um dos dezasseis Concelhos que constituem a Região Algarvia, com cerca de 31 000 habitantes.

Albufeira caracteriza-se por reunir as principais acessibilidades rodoviárias e ferroviárias que servem a região, dotando-a de condições ímpares na distribuição de tráfego, passageiros e mercadorias. Ao nível rodoviário destaca-se o atravessamento do concelho pelas vias A2, IC1, A22 e EN125, enquanto ao nível ferroviário pelas linhas do Sul e do Algarve, ambas com paragem na Estação de Albufeira-Ferreiras.

A taxa de natalidade apresenta um valor de 9,7% no ano de 2022, enquanto em 2021 esse valor era de 10,2%, deste modo, representa assim um decréscimo de 0,5%.

Tabela 1 - Taxa bruta de natalidade

Taxa bruta de natalidade		
Onde nascem mais e menos bebés por 1.000 residentes?		
Taxa - ‰		
Territórios	Taxa bruta de natalidade	
Anos	2021	2022
Albufeira	Pre 10,2	9,7

Fonte: Pordata

Em relação à taxa de fecundidade em 2021 apresentava um valor de 35,8%, enquanto em 2022, apresentava um valor de 38,0 %, demonstrando assim um acréscimo de 2,2%.

Tabela 2 - Taxa de Fecundidade Geral

Taxa de fecundidade geral	
Quantos filhos existem em cada 1.000 mulheres em idade fértil?	
Taxa - ‰	
Anos	Taxa de fecundidade geral
2021	35,8
2022	38,0

Fonte: Pordata

Enquanto a taxa de natalidade apresenta um decréscimo entre 2022 e 2021, a taxa de mortalidade registou deste modo, assim como a taxa de fecundidade geral, um ligeiro aumento. No ano de 2021 era de 8,8% e no ano de 2022 esse valor subiu para 9,3%.

Tabela 3 - Taxa Bruta de Mortalidade

Taxa bruta de mortalidade		
Onde morrem mais e menos pessoas por 1.000 residentes?		
Taxa - ‰		
Territórios	Taxa bruta de mortalidade	
Anos	2021	2022
Albufeira	Pre 8,8	9,3

Fonte: Pordata

3. Contextualização da Instituição

A Resposta Social Casa de Acolhimento designado por “A Gaivota” foi criada em 1986, de forma a dar continuidade à Casa de Acolhimento “Os Pirlampos”, uma vez que o mesmo se destinava a crianças até aos 12 anos ou que concluíssem o Ensino Básico de 1ºCiclo.

A Casa de Acolhimento “A Gaivota” é um equipamento social que tem por finalidade a integração dos jovens, de ambos os sexos, no sentido de lhes proporcionar estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às da família, com vista ao seu desenvolvimento global e à sua inserção na sociedade.

A admissão de um jovem numa Casa de Acolhimento deverá ocorrer em caso de situação de risco e/ou perigo para o menor, em caso de necessidade de substituição provisória do meio familiar. Os pedidos de admissão são efetuados através do Instituto Segurança Social (ISS), sendo estes provenientes das seguintes entidades: Tribunal ou Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ).

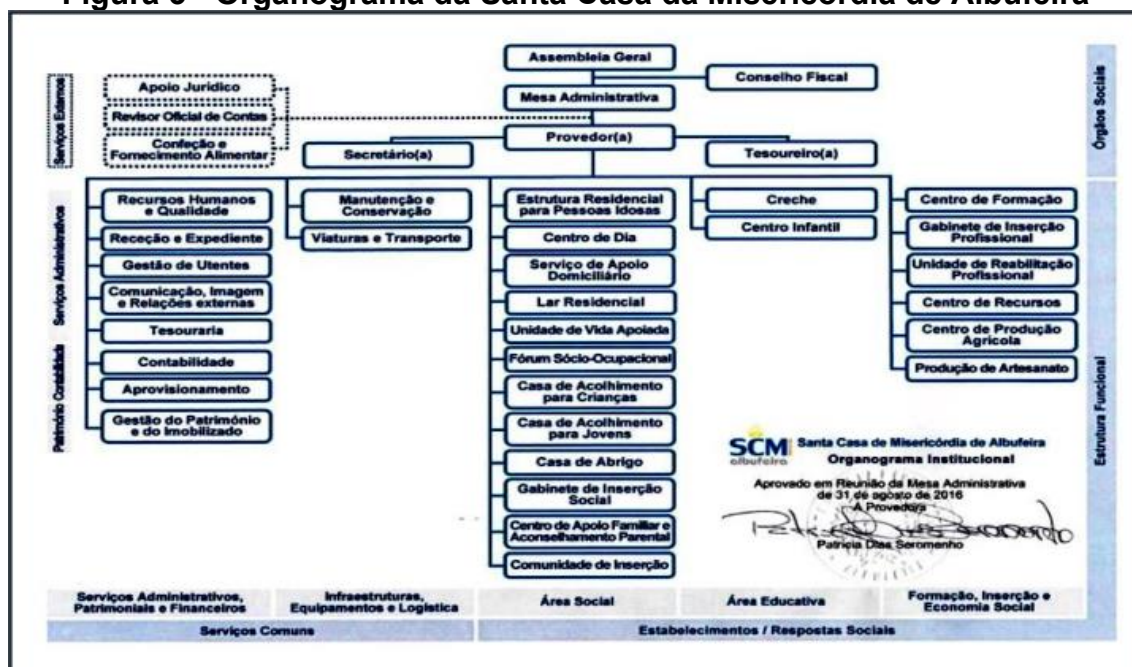
A par das melhorias da Casa de Acolhimento, pretende-se continuar o processo de otimização do seu funcionamento. Tem-se como objetivo alcançar um modelo de funcionamento mais regrado e harmonioso, onde cada jovem saiba quais são as suas tarefas e como as realizar. Deste modo, pretende-se também promover o sentimento de pertença à Casa de Acolhimento, no qual se pretende que a Casa de Acolhimento seja um espaço contentor, que permita às crianças e jovens voltarem a formar os alicerces do seu eu. Dotar os jovens de competências de autonomia responsável, ou seja, urge a necessidade de trabalhar a autonomia e a responsabilidade destes jovens. Por consequente, promover o sucesso educativo, a orientação vocacional e a inserção profissional, ou seja, investir na escolaridade e na formação das crianças e jovens é provavelmente a forma mais eficaz de quebrar o ciclo inter-relacional da pobreza e da exclusão social e de promover o acolhimento com sucesso. Por fim, aumentar os apoios e as parcerias, obtendo assim mais apoios e mais benefícios para as crianças e jovens e, não menos importante, reduzir o estigma existente relativamente a este tipo de equipamento social.

No que concerne à Santa Casa da Misericórdia de Albufeira (SCMA) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), registada na Direção Geral de Segurança Social, pelo averbamento n.º 1 à inscrição n.º 29/ 83, fls. 116 e 116 verso, do Livro n.º 1 das Irmandades das Misericórdias, efetuado em 25 de Maio de 2016.

A Santa Casa da Misericórdia de Albufeira (SCMA) foi fundada em 1498, sendo uma das primeiras Misericórdias a ser criada, depois da Misericórdia de Lisboa. Atualmente é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) e Associação Sem Fins Lucrativos, sediada na cidade de Albufeira.

Na atualidade a Santa Casa de Albufeira apresenta uma área de atuação alargada, que abrange o Distrito de Faro, recebendo, inclusivamente, pessoas oriundas de todo o país. Contudo, atua com particular incidência no concelho de Albufeira, local onde se encontram os seus estabelecimentos. De facto, foi de modo a dar resposta às necessidades reais da comunidade, que a Misericórdia de Albufeira desenvolveu um conjunto alargado de 24 Estruturas ou Respostas Sociais.

Figura 3 - Organograma da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira



Fonte: Santa Casa da Misericórdia de Albufeira

Missão, Visão e Contributos:

A definição da missão representa a razão de ser de uma instituição.

Deste modo esta deve traduzir os seus valores e o seu objeto social. Por outro lado, a definição de visão de uma instituição deve complementar a situação futura desejada a longo prazo, deve ser inspiradora, criando metas, servindo assim com um farol para a concretização da missão.

Neste contexto, a **Missão**, consiste na integração de crianças/jovens de modo a proporcionar estruturas de vida tão aproximadas o quanto possível das famílias com vista ao seu desenvolvimento global e inserção na sociedade.

Relativamente à **Visão**, esta consiste em promover o bem-estar e qualidade de vida das crianças/jovens.

No que concerne aos **Valores**, estes consistem na educação, ter boas atitudes/comportamentos que nos rodeiam e transmissão de valores e saberes, na responsabilidade, no agir de forma ponderada, na amizade, estabelecer uma relação afetiva e carinhosa com todos, no respeito, aceitar e valorizar o outro, na sua diferença, na partilha, sentimentos de identificação com a maneira de pensar e/ou sentir. Deste modo os valores, devem traduzir os princípios éticos e morais mais profundos da Instituição consolidando assim a Missão e a Visão definidas.

No que concerne às **estratégias**, para a concretização da Missão são realizadas intervenções nas seguintes vertentes, educação, saúde, alimentação, alojamento, cuidados de Higiene e Imagem, apoio ao estudo, apoio psicológico e apoio nas atividades do quotidiano.

Respostas Sociais:

A Santa Casa da Misericórdia de Albufeira conta com um variado número de respostas sociais, sendo elas: Creche Tempos de Infância, Creche do Centro Infantil Quinta dos Pardais, Educação Pré-escolar do Centro Infantil Quinta dos Pardais, Casa de Acolhimento de Crianças – Os Pirlampos, Casa de Acolhimento de jovens – A Gaivota, Centros de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental (CAFAP), Gabinete de Inserção Social (GIS), Ajuda Alimentar (PO APMC), Cantina Social – O Manjar, Loja Social Baú dos Mimos, Projeto Aldeia do Sanacai, Casa de Acolhimento – A Cegonha, Serviço de Apoio Domiciliário (SAD) – O Roseiral, Centro de dia – O Roseiral, Estrutura

Residencial para Pessoas Idosas (ERPI), Unidade de Vida Apoiada Casa da Paz, Fórum Sócio Ocupacional Casa da Paz, Lar Residencial São Vicente, Ateliers Ocupacionais São Vicente, Unidade de Reabilitação Profissional, Centros de Recursos, Centros de Formação Espaço Bússola, Gabinete de Inserção Profissional (GIP), Provedoria e Serviços Centrais.

Serviço de Apoio Domiciliário:

Destina-se à prestação no domicílio de um conjunto cuidados individualizados e personalizados, a pessoas e a famílias que não possam assegurar, temporária ou permanentemente, a satisfação das necessidades básicas ou atividades de vida diária, por motivo de doença, deficiência ou outro impedimento.

No que concerne aos serviços sociais assegura-se um conjunto de serviços que inclui o fornecimento e apoio nas refeições, incluindo dietas de prescrição médica, cuidados de higiene e conforto pessoal, tratamento e reposição de roupa de uso pessoal do utente, higienização da habitação, necessária à prestação de cuidados, atividades de socialização e animação, incluindo as de lazer e de cultura, de aquisição de bens e alimentos, de pagamento de serviços ou outras deslocações, tele assistência, outros serviços complementares, tais como apoio psicossocial, cuidados específicos de enfermagem, cuidados de imagem, transporte, pequenas modificações ou reparações ao domicílio, formação de cuidadores informais.

Possui capacidade para acolher 40 utentes, no qual estes serviços

destinam-se a pessoas que, por motivo de doença, deficiência, idade ou outro impedimento, não possam assegurar temporária ou permanentemente, a satisfação das suas necessidades básicas ou atividades de vida diária.

Condições de Admissão:

✓ São condições de admissão nesta Resposta Social:

- Serem pessoas ou famílias que se encontrem no seu domicílio em situação de dependência física ou psíquica, de carência ou disfunção social que possa ser minorada através de todos ou alguns dos serviços prestados pelo SAD, designadamente os serviços que assegurem a satisfação das suas

necessidades básicas e ou a realização das atividades instrumentais da vida diária, temporária ou permanentemente, de acordo com a necessidade daquelas;

- Que a admissão seja da vontade do Utente, seus familiares ou representante legal, contando que conheça e aceite os princípios, valores e as normas regulamentares da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira;

- Ter razões fundamentais que permitam a manutenção do utente no domicílio, designadamente, a existência de um domicílio dotado de infraestruturas e de condições mínimas de habitabilidade;

- Residir no Concelho de Albufeira.

Candidatura:

Para se efetuar a candidatura deve ser preenchido o formulário para o efeito, devendo o mesmo ser acompanhado pelos documentos solicitados, a apresentar ou a entregar.

CrITÉRIOS de Prioridade de AdmissÃO:

✓ São critérios de prioridade na admissão dos utentes:

- Insuficiência de recursos económicos;
- Isolamento social;
- Isolamento familiar;
- Insuficiência das condições habitacionais;
- Localização geográfica do domicílio;
- Frequência do próprio, do cônjuge, irmão ou familiar em linha reta numa

Resposta Social da Instituição;

- Pertencer à irmandade da misericórdia de albufeira;
- Historial comprovado como Benemérito da Instituição.

Creche:

A Creche destina-se ao acolhimento de crianças, durante o período diário correspondente ao impedimento dos pais ou das pessoas que tenham a sua

guarda de facto, tem natureza socioeducativa e está vocacionada para o apoio à criança e à família.

Destina-se a crianças dos 3,5 meses até aos 3 anos de idade.

Condições de Admissão:

É condição de admissão na Resposta Social de Creche ter idade compreendida entre 3.5 meses (considerando 15 dias de adaptação antes de completar os 4 meses) e os 3 anos de idade, salvaguardando o previsto no n.º4 do Despacho Normativo nº7-B 2015, de 7 de maio, a qual prevê a matrícula em Pré-Escolar das crianças que completem 3 anos entre 16 de setembro e 31 de dezembro, não podendo continuar na Creche.

Salvo em casos devidamente fundamentados e autorizados pela Mesa Administrativa, não serão admitidas crianças cujos responsáveis legais tenham dívidas à Santa Casa da Misericórdia de Albufeira.

As crianças institucionalizadas na Santa Casa da Misericórdia de Albufeira terão admissão imediata, mediante a existência de vagas.

Pré-escolar:

A Educação Pré-escolar destina-se ao acolhimento de crianças e está vocacionada para o apoio à criança e à família e para o desenvolvimento educação da criança.

✓ Assegura-se um conjunto de serviços que inclui:

- 1) Atividades educativas;
- 2) Atividades socioeducativas e lúdico-recreativas;
- 3) Atividades extracurriculares, tais como a música, o ioga e a psicomotricidade;
- 4) Atividades de Verão diversificadas, como as de expressão plástica, de culinária, pintura facial, piquenique, piscina;
- 5) Refeições e cuidados de alimentação e nutrição;
- 6) Cuidado repouso, de higiene e conforto;

7) Rastreios gratuitos de Terapia da fala, nos casos sinalizados da Educação Pré-Escolar;

8) Apoio à família, com participação ativa e integrada.

Possui capacidade para acolher 134 crianças.

Destina-se a crianças dos 3 anos até à idade de ingresso no ensino básico, para a Educação Pré-escolar.

Condições de Admissão:

É condição de admissão na Resposta Socioeducativa ter idade compreendida entre os 3 anos (de 1 de janeiro até 15 de setembro e, a título condicional, de 16 setembro a 31 de dezembro) e a idade de ingresso no Ensino Básico.

É condição de admissão residir no concelho de Albufeira ou os pais das crianças trabalharem na área de intervenção da Resposta Social.

Salvo em casos devidamente fundamentados e autorizados pela Mesa Administrativa, não serão admitidas crianças cujos responsáveis legais tenham dívidas à Santa Casa da Misericórdia de Albufeira.

As crianças institucionalizadas na Santa Casa da Misericórdia de Albufeira terão admissão imediata, mediante a existência de vagas

A permanência do jovem no equipamento social após completar a maioridade, pressupõe um requerimento dirigido ao processo de promoção e proteção do Tribunal ou da CPCJ, a manifestar a sua vontade em permanecer na Instituição, de modo a ser efetuado o prolongamento da medida aplicada, a qual poderá ir até aos 21 anos de idade, segundo o artigo 63º da Lei 147/99 de 1 Setembro.

A Casa de Acolhimento “A Gaivota” localiza-se no bloco principal da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira.

De acordo com o Plano de 2021, a par das melhorias da Casa de Acolhimento, pretende-se continuar o processo de otimização do seu funcionamento.

✓ Estas Respostas Sociais asseguram os seguintes serviços:

- Alojamento;
- Alimentação;
- Cuidados de saúde;
- Cuidados de higiene e imagem;
- Tratamento de roupa;
- Apoio nas atividades da vida quotidiana;
- Deslocações/transporte ao exterior;
- Atividades desportivas, lúdicas e pedagógicas na comunidade.
- ✓ A Equipa Técnica da Casa de Acolhimento – “A Gaivota” é constituída por:
 - 1 Diretora Técnica;
 - 1 Técnica Superior de Diagnóstico Terapêutico (Psicomotricidade),
 - 1 Psicóloga;
 - 1 Assistente Social;
 - 1 Professor (Plano Casa);
 - 2 Motorista (1 da parte da manhã e 1 da parte da tarde);
 - 1 Terapeuta da Fala (que desempenha funções noutras Respostas Sociais);
 - 6 Ajudantes de Ação Educativa.
- ✓ A Equipa Técnica da Casa de Acolhimento – “A Gaivota” é constituída por:
 - 1 Sala de Jogos;
 - 2 Sala de Convívio;
 - 1 Sala de Apoio Escolar;
 - 1 Lavandaria de Apoio;
 - Áreas de Apoio e Arrecadação;
 - Sala de apoio/vestuário dos funcionários;
 - 1 Refeitório/Cozinha;
 - 4 Gabinetes;
 - 7 Quartos de Rapaz;
 - 6 Quartos de Rapariga;
 - 2 Casas de Banho de Serviço;

- 2 Motoristas;
- 2 Professores (Plano Casa);
- 1 Diretora Técnica com formação em psicologia clínica;
- 1 Assistente Social;
- 1 Técnica Superior de Diagnóstico Terapêutico (Psicomotricidade);
- 1 Psicóloga;
- 1 Monitor;
- 8 Ajudantes de ação educativa;
- 5 Equipa de apoio (elementos do programa MAREES, Segurança Social);
- 2 Quartos de isolamento devido ao COVID-19.

Objetivos da Casa de Acolhimento – “A Gaivota”:

A casa de Acolhimento “A Gaivota” tem como objetivos:

- Proporcionar meios que contribuam para a sua valorização individual e social;
- Acompanhar e estimular o seu desenvolvimento físico e intelectual, bem como a aquisição de normas e valores;
- Garantir, com o recurso aos serviços de saúde, os cuidados necessários a um bom nível de saúde, assim como o acesso a uma alimentação equilibrada e de acordo com a faixa etária e características específicas;
- Assegurar os meios necessários ao seu desenvolvimento pessoal e à sua formação escolar em cooperação com a escola e as estruturas locais de educação;
- Promover a sua integração na comunidade cívica e religiosa;
- Criar sempre que possível, condições para a ocupação dos tempos livres de acordo com os interesses e potencialidades das crianças;
- Promover a participação ativa das crianças nas atividades e funcionamento geral da Casa de Acolhimento;
- Proporcionar aos jovens a satisfação de todas as suas necessidades básicas em condições de vida tão aproximadas quanto possível às da família.

3.1.4 - Funções do Assistente Social

De acordo com Jorge, este considera que o Assistente Social, ao intervir com uma família, tem por suporte princípios como a perceção e configuração da situação familiar, a procura de suportes sociais e comunitários, a definição de estratégias de ação e concertação social/familiar, a reconstrução de trajetórias e fortalecimento do projeto de vida da Criança e a gestão do processo de mudança familiar (2011: 252)

De acordo com o autor, «o Serviço Social tem competências reconhecidas por via do conhecimento científico no desenvolvimento da relação de ajuda junto do sujeito ou da família» e esta «pode desenvolver-se num contexto Institucional, no contexto domiciliário e comunitário» (2011: 253).

Relativamente às funções desempenhadas pelo Assistente Social, no âmbito da intervenção com a criança e a família, Jorge Ferreira especifica as funções, de acolhimento, escuta, identificação das necessidades da criança e da família, assistência na vida quotidiana, a proteção e segurança, a comunicação estabelecida com a criança e sua família e o acompanhamento do plano de intervenção na família.

As funções da Assistente Social na Casa de Acolhimento - “A Gaivota” consistem em 3 tipos de responsabilidades.

No que concerne às responsabilidades centrais, estas consistem em:

- ✓ Estudar e definir normas gerais, esquemas e regras de atuação do serviço social das instituições;
- ✓ Proceder à análise de problemas de serviço social, diretamente relacionados com os serviços das instituições;
- ✓ Assegurar e promover a colaboração com os serviços sociais e de outras instituições ou entidades;
- ✓ Estudar com os indivíduos as soluções possíveis dos seus problemas;
- ✓ Ajudar os utentes a resolver adequadamente os seus problemas de adaptação e readaptação social, fomentando uma decisão responsável.

No que concerne às responsabilidades específicas, estas consistem em:

✓ Realizar ou colaborar na elaboração e atualização dos processos individuais e das admissões do agregado familiar dos utentes;

✓ Reunir, analisar e triar as informações fornecidas, diagnosticando e detetando as necessidades concretas dos utentes;

✓ Aconselhar, encaminhar e auxiliar os utentes na resolução dos seus problemas de âmbito social e efetuar ou participar no acolhimento e integração dos utentes;

✓ Colaborar e articular em equipa, promover a adaptação e inserção social dos utentes e fomentar a autonomia e um comportamento responsável;

✓ Respeitar e guardar confidencialidades e reportar informação relativa à atividade que exerce e, quando aplicável, garantir o funcionamento do estabelecimento.

Por fim, no que diz respeito às responsabilidades institucionais:

✓ Exercer a atividade de assistente social, intervindo ao nível da inserção social dos indivíduos e das famílias e na melhoria da qualidade de vida;

✓ Realizar os procedimentos atribuídos no Sistema de Gestão de Qualidade da SCMA;

✓ Desempenhar outras funções atribuídas compatíveis com o cargo, com a formação ou os interesses profissionais;

✓ Desempenhar as funções do cargo, segundo a política, a missão, a visão, a estratégia e os valores da SCMA;

✓ Contribuir e acrescentar valor na qualidade das respostas sociais.

No que concerne aos pedidos de acolhimentos, estes são encaminhados pelas CPCJ e Tribunal de Portimão.

No que diz respeito à Resposta Social designado por “A Gaivota”, atualmente mais de 60% dos jovens na Casa de Acolhimento possuem o seu processo gerido por uma CPCJ, ao passo que 31% é EMAT a entidade gestora.

A gestão de vagas é articulada diretamente com o Instituto de Segurança Social.

Em 2021, foram acolhidos 2 jovens em tempos de pandemia.

No que concerne às Políticas Sociais, estas são políticas públicas destinadas ao bem-estar geral da população, mas com caráter distributivo, destinado principalmente às camadas de menor renda da sociedade, em situação de pobreza ou pobreza extrema, visando principalmente o desenvolvimento económico, a eliminação da pobreza, a redução da desigualdade econômica e a redistribuição de riqueza e renda.

De acordo com a Segurança Social, existe um conjunto de respostas integradas de cuidados e apoio social para crianças e jovens em situação de perigo. No qual apresenta como objetivos promover os direitos e proteger as crianças e jovens em perigo através de respostas vocacionadas para o desenvolvimento pessoal e social da criança e do jovem num ambiente seguro e familiar que lhes proporcione segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral. Desta forma, existem 4 tipos de resposta:

- a) Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental;
- b) Equipa de Rua de Apoio a Crianças e Jovens;
- c) Acolhimento Familiar;
- d) Acolhimento Residencial.

As respostas referidas nas alíneas c) e d), decorrem da aplicação de uma medida de promoção e proteção decretada pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) ou pelo Tribunal competente e integram o Sistema de Promoção de Crianças e Jovens em Perigo previsto na Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, na redação que lhe foi dada pela Lei n.º 142/2015, de 8 de setembro.

As Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) são instituições oficiais não judiciárias que visam promover os direitos da criança e prevenir ou pôr termo a situações que possam pôr em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral.

A intervenção das CPCJ envolve a participação dos pais ou representante legal ou de quem exerce as responsabilidades parentais.

O Tribunal pode ser um Tribunal de Comarca ou de Família e de Menores.

Em todos os Tribunais, o Ministério Público assume o papel de defensor dos direitos das crianças e jovens. Ao nível dos Tribunais de Família e Menores há sempre um Procurador de turno (Ministério Público) para dar resposta à participação numa situação de perigo.

As IPSS têm por finalidade o exercício da ação social na prevenção e apoio das situações de fragilidade, exclusão ou carência humana, promovendo a inclusão e a integração social, desenvolvendo para tal diversas atividades na área da Infância e Juventude de apoio a crianças e jovens (Creche, Estabelecimento de Ensino Pré-Escolar, Centro de Atividades de Tempos Livres, Lares para Jovens, entre outros), na área da Família, (Centro Comunitário, entre outros), de apoio à Terceira Idade (Centros de Convívio, Centro de Dia, Serviço de Apoio Domiciliário, Lares, entre outros), na área da Deficiência (Lares e Centros de Atividades Ocupacionais), na área da Toxicodependência, dos Sem-abrigo e outras (Cuidados Médicos, Ensino, entre outros.).

4. Enquadramento Metodológico

Como o primeiro passo que se dá numa investigação científica surge quando se quer responder a uma pergunta ou a um problema, implica que exista uma questão inicial, ou seja, tem de surgir uma dificuldade ou problema para em seguida se procurar a resposta (Quivy, 1998).

Partilhando da opinião de Quivy, Fortin (2009) esclarece que qualquer investigação se inicia pela incompreensão de um fenómeno observado, tendo como objetivo a procura por uma explicação ou de uma melhor compreensão desse mesmo problema.

A questão de partida tem presente as intenções e perspetivas do investigador, pelo que deve estar, desde o início, associada à clarificação, exequibilidade e pertinência. (Quivy, 2008)

Como tal, para o presente de trabalho de dissertação, foi estabelecida a seguinte questão de partida:

“Qual é a importância do trabalho do Assistente Social enquanto elemento de uma Equipa Multidisciplinar da Casa de Acolhimento “A Gaiivota” na integração das crianças e jovens? “

4.1. Objetivos Gerais e Específicos

Os objetivos gerais e específicos consistem naquilo que se pretende atingir com a pesquisa.” (Gouveia, 2012, p.46)

Assim, tendo em conta presente investigação, foram definidos um objetivo geral e quatro específicos, tais como:

Objetivo Geral:

- ✓ Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Objetivos Específicos:

- 1) Conhecer as funções e competências dos elementos da equipa multidisciplinar da Casa de Acolhimento – “A Gaivota”;
- 2) Conhecer a metodologia do acolhimento das crianças e jovens;
- 3) Caracterizar o acompanhamento interno destas crianças e jovens;
- 4) Conhecer as etapas de integração das crianças e jovens na instituição.

4.2. Universo-População e Processo de Amostragem

Este estudo foi realizado na Casa de Acolhimento – “A Gaivota” da SCMA, uma vez que a investigadora sempre teve interesse pela Temática/Problemática, assim como havia uma maior facilidade por parte da investigadora no acesso à realização do estudo.

O público-alvo do presente estudo são os elementos que trabalham e residem na Casa de Acolhimento – “A Gaivota” da SCMA, no ano de 2023. Foi contabilizada a Equipa Técnica, no qual incidiu a 3 Técnicas, sendo estas, a Assistente Técnica, a Diretora Técnica e uma Técnica Estagiária, com idades compreendidas entre os 20 e 40 anos. Da mesma forma, foi contabilizada a Equipa Educativa, no qual esta incidiu a 2 Ajudantes de Ação Educativa, com idades compreendidas entre os 40 e 50 anos.

Por fim, também foi contabilizado um grupo constituído por 29 crianças e jovens da Casa de Acolhimento – “A Gaivota” da SCMA, com idades compreendidas entre os 8 e 17 anos.

Desta forma, neste estudo a amostra é não probabilística, que consiste num “procedimento de seleção segundo o qual cada elemento da população não tem uma probabilidade igual de ser escolhido para formar a amostra” (Fortin, 1999, p. 208). Esta é utilizada quando se pretende estudar algo em concreto, onde a amostra não representa uma população, mas sim a si própria, ou seja, não pretende a generalização.

No entanto, esta amostra não é apenas não probabilística, pois é também uma amostra propositada no qual a seleção é realizada consoante os propósitos específicos, isto é, a seleção é intencional.

Neste trabalho deparamo-nos com uma observação indireta, uma vez que para obtermos a informação que procuramos, teremos de recorrer diretamente ao sujeito em questão, através de um instrumento, a entrevista.

Esta observação é não participante, visto que nos mantemos à distância, ou seja, passa por uma presença não muito prolongada. Deste modo, mantemo-nos à distância e não somos reconhecidos como membros de um grupo/comunidade/organização em análise.

De acordo com Amaro (2014), a maior parte das pesquisas é feita com base em amostras da população que se pretende estudar. A definição de amostra é estabelecida em relação ao conceito de universo ou população, entendendo-se por universo ou população um conjunto de elementos que têm uma dada característica. Assim, a utilização de amostras na pesquisa pressupõe, portanto, que elas são representativas no universo, isto é, as suas características são aproximadas às do universo que representam.

4.3. Modelo de Investigação

Desenvolveu-se um trabalho de investigação do tipo descritivo, de carácter qualitativo, assumindo-se através do estudo de caso como a abordagem técnica que melhor se adequa para o que se pretende investigar, visto que se

tem por finalidade a interpretação da realidade profissional do Assistente Social numa casa de acolhimento.

Tendo em conta os propósitos do trabalho de investigação, considera-se importantes duas visões: uma do próprio Assistente Social e a dos restantes membros da Equipa Multidisciplinar. Esta escolha foi realizada pelo facto de não ser apenas importante a resposta vinda do próprio profissional em relação ao seu contributo para a equipa, mas também a visão da própria equipa em relação à sua importância na mesma.

4.4. Técnicas de Recolha de Dados

Numa investigação é necessária a existência de técnicas de recolha de dados, ou seja, a forma como vão ser obtidos os dados empíricos. Esta decisão irá influenciar/condicionar a qualidade dos dados a recolher.

Desta forma, efetuaram-se as primeiras pesquisas bibliográficas e documentais que tiveram na base da Parte I – Enquadramento Teórico.

Os métodos de investigação, de acordo com Fortin (1999), harmonizam-se no que diz respeito aos diferentes fundamentos filosóficos existentes, os quais suportam tanto as preocupações como também orientações de uma investigação científica. Este afirma a existência de dois métodos o quantitativo e o qualitativo.

Utilizando uma metodologia mista, os investigadores detêm, como Fonseca (2014) destaca, a possibilidade de usar “lentes bifocais”, na medida em que, podem retirar o melhor das duas metodologias (por um lado uma precisão empírica e, por outro, descritiva), alargando assim a sua perspetiva sobre a realidade em estudo e, uma extração de dados mais ampla.

Duas das técnicas que são frequentemente utilizadas em simultâneo nos estudos mistos são o questionário e a entrevista. Estas técnicas complementam-se com facilidade, uma vez que a entrevista permite muitas vezes aprofundar informações mais genéricas recolhidas através de um questionário.

O presente estudo apresenta uma metodologia de natureza descritiva e de cariz misto. Verificando-se a utilização de técnicas de pesquisa bibliográfica e

de análise documental, como estratégia de auxílio na recolha de informação (Ander-Egg, & Idáñez, 1999).

Neste trabalho, optou-se pelo estudo exploratório descritivo, uma vez que visam descrever e caracterizar a realidade ou fenómenos que pretendem conhecer, ou seja, pretendem estudar os fenómenos que lhes interessa. Este estudo tem como objetivo “as descobertas de relações antecedem os estudos de associação que visam a exploração e a explicação de relações entre os fenómenos.” (Fortin, 1999, p.162).

Neste âmbito é também necessário afirmar que este trabalho para além de ser um estudo exploratório descritivo é também um estudo indutivo, que auxilia desta forma a acrescentar conhecimento sobre o fenómeno em estudo.

De maneira a poder responder ao estudo que se pretende realizar, as técnicas de recolha de informações escolhidas foram as entrevistas, que consistem num conjunto organizado de questões por determinados temas, a qual ocorre do geral para o particular. Estas são constituídas, inicialmente, por perguntas de forma genérica, isto é mais fáceis e só no final da entrevista surgem as perguntas de maior sensibilidade de maneira que o entrevistado não se sinta desconfortável. E o questionário, que consiste num instrumento de pesquisa constituído por uma serie de questões sobre um determinado tema, no qual tem como objetivos traduzir a informação desejada em um conjunto de perguntas específicas e deve ser elaborado de maneira a minimizar os erros nas respostas, assim como garantir a padronização e a comparação dos dados entre os entrevistadores, aumentando a velocidade e a precisão dos registos e facilitando o processamento dos dados.

Para caracterizar o público-alvo inserido neste estudo, isto é, a Equipa Técnica, Equipa Educativa e o um grupo de crianças e jovens em Perigo, no ano de 2023, da Casa de Acolhimento – “A Gaivota”, foi realizado um guião de entrevistas tendo em conta as duas equipas, assim como um inquérito por questionário de acordo com um grupo de crianças e jovens:

“Um inquérito por questionário é um conjunto de questões
sobre um

problema, previamente elaboradas, para serem respondidas por um determinado sujeito, por escrito ou oralmente.” (Serafim, s/a, p.157),

O meio utilizado para a obtenção de respostas ao inquérito por questionário foi presencialmente. No decorrer do questionário foram explicados os objetivos do estudo com o intuito de recolher informações relativamente à sua opinião pessoal de acordo com questões relativas à sua vivência na casa em questão. Esta recolha de dados teve início no dia 10 de agosto de 2023, contudo e devido a questões institucionais, só foi possível terminar os questionários no dia 27 de setembro de 2023. O mesmo se aplica, às entrevistas realizadas à Equipa Técnica e Educativa.

Para efeitos estatísticos, apenas foram consideradas válidas 30 respostas por inquérito por questionário, assim como 5 entrevistas realizadas às duas equipas.

O tratamento de dados do inquérito por questionário, foi realizado através de uma tabela de forma a poder comparar e analisar as respostas dadas por as 30 crianças e jovens. Desta forma, o mesmo foi realizado para a análise das 5 entrevistas.

4.5. Técnicas de tratamento e análise de dados

Tendo em conta os objetivos definidos para o estudo e o conteúdo das informações recolhidas através de estudos já realizados acerca da temática das Crianças e Jovens em Perigo, assim como o papel do Serviço Social em contexto de Acolhimento, foi optado pela investigadora, uma análise de conteúdo categorial temática, para auxiliar na interpretação e descrição dos dados coletados, permitindo a inferência que pode partir das informações fornecidas no conteúdo das mensagens ou do estabelecimento de premissas advindas do estudo dos dados que apresenta a comunicação, deste modo, com uma organização e divisão da informação por temas e categorias, representadas pelas 4 sub-dimensões do modelo de análise.

No que concerne à análise de conteúdo esta, tem como objetivo, compactar a informação e desta forma, dar entendimento que posso retirar das entrevistas realizadas, assim como dos inquéritos. Deste modo, origina-se assim, a transcrição das entrevistas e a realização de uma grelha de análise de conteúdo.

Como finalidade, procede-se à realização da análise do conteúdo das entrevistas e dos questionários.

5. Apresentação de Resultados

✓ Entrevistas:

A entrevista foi um dos instrumentos de recolha de dados utilizado na investigação, tendo sido aplicado junto de 1 assistente social, 1 diretora técnica, 1 técnica estagiária e 2 ajudantes de ação educativa com o objetivo de conhecer a sua perspetiva relativamente a alguns dos objetivos específicos do presente estudo.

As entrevistas foram previamente estruturadas, de forma a recolher dados mais sucintos e claros, na tentativa de dar resposta a alguns dos objetivos específicos apresentados. As entrevistas foram aplicadas à Equipa Técnica e Equipa Educativa da Casa de Acolhimento “A Gaivota”, é composta por diversas perguntas, seguindo-se assim a grelha de análise de conteúdo apresentada de seguida na Tabela 4.

Tabela 4 - Tabela de Análise de Conteúdo das Entrevistas

<u>Categoria</u>	<u>Subcategoria</u>	<u>Questões</u>	<u>Unidades de registo</u>
Serviço Social numa Casa de Acolhimento de Crianças e Jovens em Perigo	Competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar/educativa) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de	1 - Que idade tem?	1. E (a) – 24 anos E (b) – 34 anos E (c) – 43 anos E (d) – 50 anos E (e) – 52 anos
		2 - Qual é a sua formação académica?	2. E (a) – Ciências da Educação e Formação E (b) – Serviço Social E (c) – Educação Social e Gestão

	Albufeira – A Gaivota		E (d) – Curso de integração educativa E (e) - 9º ano
		3. Qual é a sua atividade profissional?	3. E (a) – Especialista do Trabalho Social pelo IEFPP E (b) – Técnica de Serviço Social E (c) – Educadora Social, Diretora Técnica da Gaivota E (d) – Auxiliar de ação educativa E (e) - Ajudante de ação educativa
		4. Quais os motivos que a levaram a trabalhar nesta Casa de Acolhimento?	3. E (a) – Proposta para estágio profissional E (b) – Um mar de descoberta, acaba por ser um trabalho difícil, mas todos os dias é diferente e isso é que me fez ir ficando E (c) – Formação em mediação familiar, esta área sempre me interessou, surgiu a oportunidade e aceitei E (d) – Os meninos E (e) - Sempre gostei de trabalhar com crianças
		5. Quais as principais funções que desempenha no seu dia-a-dia?	5. E (a) – Parte da escola, visitas de estudo, material escolar, mesada, acompanhamento das consultas médicas, identificar as necessidades sentidas que a equipa pode sentir, seja a educativa e a técnica, interligação com o professor destacado na casa e a comunicação com os

			<p>encarregados de educação.</p> <p>E (b) – Parte da saúde, recursos humanos, mapas de assiduidade, processos, relatórios sociais, informação para o tribunal e os planos individuais.</p> <p>E (c) – Articular e dar respostas a tribunais, cpcjs, escolas, provedora e equipas da casa. Tenho a gestão interna da casa.</p> <p>E (d) – Tudo o que precisam.</p> <p>E (e) - Tudo o que é necessário.</p>
		6. Como avalia o trabalho que realiza?	<p>6. E (a) – Tento dar o meu melhor.</p> <p>E (b) – Tem dias que sinto que estou a contribuir para alguma coisa, tem outros que parece que não consigo sair do mesmo sítio.</p> <p>E (c) – Trabalho exigente.</p> <p>E (d) – Aquilo que faço, fico com o coração cheio.</p> <p>E (e) - Faço sempre o meu melhor.</p>
		7. Há quanto tempo é Técnica/Diretora Técnica/Assistent e Social/Ajudante de Ação Educativa?	<p>7. E (a) – Desde Maio. Primeira experiência como técnica.</p> <p>E (b) – Há 11 anos. Foi como Assistente Social na Casa de Acolhimento “Os Pirlampos”.</p> <p>E (c) – Vai fazer agora um 1 ano. Foi aqui a primeira vez.</p>

		<p>8. Trabalha há muito tempo nesta temática de Crianças e Jovens em Perigo?</p>	<p>8. E (a) – É a primeira vez. E (b) – Há 11 anos. E (c) – À menos de 1 ano. E (d) – 3 anos. E (e) - Há 20 anos.</p>
		<p>9. Foi uma temática que sempre lhe interessou? Se sim, porquê?</p>	<p>9. E (a) – Sempre foi, não neste sentido de crianças e jovens em perigo. E (b) – Sim, acho que é uma área difícil, mas também é interessante. Ao relacionares-te com as pessoas, acho que é importante termos uma visão geral. E (c) – Tinha a formação em mediação familiar e sempre quis trabalhar nesta área. E (d) – Fui chamada dos recursos humanos, havia duas opções e eu escolhi a casa de acolhimento. E (e) – Quando entrei não tinha bem noção.</p>
		<p>10. Quantas horas de trabalho adicional realiza?</p>	<p>10. E (a) – Existem sempre coisas que acontecem à última da hora, às vezes é necessário regressar aqui depois de um dia. E (b) – Raro o dia que consigo sair a horas. Ainda a semana passada tivemos de ficar à noite porque tivemos um acolhimento urgente. E (c) – Todos os dias, quase uma meia hora ou uma hora a mais.</p>

			<p>E (d) – Fazemos 8 horas. Podemos ficar mais tempo se for necessário, mas não é frequente.</p> <p>E (e) - Trabalho 7h30, mas já aconteceu fazer uma hora a mais quando é necessário.</p>
		<p>11. De que forma, funciona o seu relacionamento de Técnica/Diretora Técnica/Assistent e Social/Ajudante de Ação Educativa com as crianças/jovens?</p>	<p>11. E (a) – Primeiro ser justa e o mais imparcial possível.</p> <p>E (b) – O nosso papel é tentar ajudá-los, encaminhá-los, educá-los da melhor forma.</p> <p>E (c) – Na basa da relação, através da relação chegar até eles.</p> <p>E (d) – Relação boa, de afeto. Tento resolver os problemas e comunicar com eles.</p> <p>E (e) - Corre tudo bem, vêm como uma avó.</p>
		<p>12. De que forma, estabelece enquanto Técnica/Diretora Técnica/Assistent e Social/Ajudante de Ação Educativa, a comunicação com os familiares destas Crianças/Jovens?</p>	<p>12. E (a) – A minha parte não é bem ligada à família, recebo as chamadas eventualmente para marcar o fim-de-semana, para marcar uma visita.</p> <p>E (b) – Eles chegam-nos e a partir daí começamos a ter relação com a família. A nossa relação com a família acaba por ser diária. Passado alguns dias, marcamos com os familiares responsáveis, para conhecermos e explicarmos como tudo funciona. Eles</p>

			<p>têm de perceber que isto é um trabalho de equipa. Começam a perceber que a nossa missão é para os jovens e não para a família, para a família é o CAFAP. A aproximação com a família é essencial.</p> <p>E (c) – Ou se marcar reuniões, ou por telefone.</p> <p>E (d) – Não temos autorização para estabelecer comunicação com as famílias.</p> <p>E (e) - Não temos grande oportunidade para falar com eles, só quando vêm buscar algum jovem e damos o termo para assinar, ou quando trazem o jovem e dão alguma informação necessária, ou quando ligam.</p>
		<p>13. Quais são as maiores dificuldades sentidas enquanto Técnica/Diretora Técnica/Assistent e Social/Ajudante de Ação Direta, na sua intervenção com estas Crianças/Jovens?</p>	<p>13. E (a) – Sinto que não têm bem noção do que a vida realmente existe e as vezes exigem-nos tanto e a vida não é assim.</p> <p>E (b) – As questões de saúde mental. E também as questões deste perfil da adolescência.</p> <p>E (c) – Queremos sempre fazer mais, mas as vezes os meios não são ideais e o tempo nem sempre ajuda.</p> <p>E (d) – Necessária mais formação para trabalhar com estas crianças e jovens.</p>

			E (e) - Tentar perceber o porquê de algumas atitudes deles.
		14. Quais são os tipos de interações existentes entre os profissionais e as Crianças e Jovens em Perigo?	<p>14. E (a) – Tento ouvi-los principalmente. Tentar perceber a situação e ser o mais justa possível.</p> <p>E (b) – A equipa educativa interage no sentido das rotinas, elas estão na linha da frente. Eles têm uma boa relação connosco, vêm ter connosco, no momento de escola sentem muita necessidade de chegar e dizer como é que correu o dia. Acho que conseguimos manter aqui aquela relação que eles sabem que nos somos aquelas pessoas de referência. Eles conseguem perceber que nos estamos cá para os ajudar naquilo que precisam.</p> <p>E (c) – Têm uma boa relação com a maior parte deles. Todos funcionamos muito à base da relação.</p> <p>E (d) – Batem o pé até conseguirem o que querem, mas corre bem. As interações são boas.</p> <p>E (e) – Não faço nada de diferente do que faço ao meu filho. Eu sou apologista do falar, entender, do explicar e fazer compreender as coisas</p>



			e por norma isso resolve.
		16. Existência ou não de um Projeto de Vida para estas Crianças/Jovens?	<p>16. E (a) – Tentamos que exista, a aprte da autonomia e tudo mais é a mais difícil. Alguns trabalham já para a autonomia, outros têm o processo de regresso à família.</p> <p>E (b) – Sim, todos têm de ter um projeto de vida. Nós sentamos com eles e decidimos com queles o que eles querem fazer. Seja autonomia, regresso à família e por vezes adoção.</p> <p>E (c) – O plano individual é mesmo isso. Todos têm que de ter um objetivo, Seja o acordo de 1 mês ou 1 ano.</p>
		17. De que forma, ocorre a adaptação destas Crianças/Jovens com a Equipa Técnica/Educativa e restantes utentes?	<p>17. E (a) – Depende de cada um, todos lidam com as emoções de forma diferente. Temos meninos de situações de dia-a-dia, as emoções são difíceis de gerir, e depois temos outros que lavam as coisas mais normal possível e que tentam se adaptar.</p> <p>E (d) – Pouco a pouco. Não se abrem a todas. Eles próprios escolhem as tias. No início vai ter só com uma, com o tempo vão ter com as restantes.</p> <p>E (e) - Uns mais rápidos do que outros. Depressa arranjam alguém da casa ou das</p>

			tias é uma questão de afinidade.
		18. Existência ou não de profissionais competentes para acompanhar estas Crianças/Jovens?	<p>18. E (a) – Sim, eu acredito que sim. Somos poucas, só duas da equipa técnica e a diretora técnica.</p> <p>E (b) – Houve uma grande mudança na equipa, a saída de técnicos acabou por ser negativa para eles. Nem sempre conseguimos chegar a todos porque eles são muitos para a quantidade de técnicas que temos neste momento.</p> <p>E (c) – Sim, temos uma equipa toda com formação.</p> <p>E (d) – Sim, apesar de faltar formação para ir trabalhando com estas crianças. Estratégias e maneiras em situações específicas.</p> <p>E (e) - Existem, claro que sim.</p>
		19. Enquanto Técnica/Diretora Técnica/Assistent e Social/Ajudante de Ação Educativa, caso fosse possível, o que melhorava no processo/acompanhamento de Acolhimento destas Crianças e Jovens?	<p>19. E (a) – Temos 42 neste momento, é impossível individualizar as coisas, e era o ideal perguntar todos os dias, falar com alguns, e, no entanto, há alguns que nos passam. Sendo reduzido, o trabalho seria totalmente diferente.</p> <p>E (b) – Estas retiradas deviam ser mais cedo. Haver uma intervenção mais precoce. Mudava a forma como os</p>

			<p>miúdos as vezes nos chegamos, nos recebemos o pedido vem informação, mas incompleta. Mudava a forma como os técnicos trazem os jovens, é muito a postura do é pouco tempo, vais para uma colónia de férias.</p> <p>E (c) – Temos um processo muito informal. Tem de ser formal de tudo registado do que temos de fazer. A criança ler o regulamento interno saber com o que conta. Fazer uma lista de tudo o que o menino trazia para ficar registado no processo.</p> <p>E (d) – Precisavam mais na parte material. Roupa, calçado, bens essenciais.</p> <p>E (e) - A parte do acolhimento essencialmente o que precisam é de apoio e sentirem que estão sempre ali para o ajudar.</p>
		<p>21. Qual o número de funcionários por cada Criança/Jovem?</p>	<p>21.E (c) – Tinha de fazer a conta.</p>
		<p>24. Existe uma figura significativa (mais concretamente um adulto) dentro da instituição, para</p>	<p>24. E (c) – Nos temos os miúdos distribuídos por técnicas para fazermos os planos individuais deles. A equipa educativa as vezes é que é a figura</p>

		<p>cada criança e ou jovem?</p>	<p>de referência e não somos nós técnicas.</p>
		<p>25. Que dificuldades, apresentam estas Crianças/Jovens no momento da sua entrada em contexto de Acolhimento?</p>	<p>25. E (c) – Da imagem negativa que têm das casas de acolhimento em geral. Eles não sabem para o que vão, não sabem como vão ser tratados e depois obviamente a falta das famílias.</p> <p>E (d) – É tudo, devíamos saber um pouco mais sobre eles, antes de entrarem. Havia uma criança que tinha medo, pensava que iam bater e agora diz que adora estar na casa. A casa está a trabalhar bem e a sentir conforto.</p> <p>E (e) - Um bocadinho a visão que hoje em dias eles têm da casa de acolhimento, mas depois ficam surpreendidos pela positiva.</p>
		<p>26. Quais os procedimentos de acolhimento das Crianças/Jovens quando estes chegam à Instituição?</p>	<p>26. E (c) – Temos sempre uma conversa com eles quando eles chegam. Explicamos um bocadinho o funcionamento da casa. Tentamos perceber as expetativas e medos deles. Tentamos expetativas da nossa parte do que esperamos deles. O que podem esperar de nós. Mostramos a casa e o quarto. Estarmos atentos a eles também.</p> <p>E (d) – Acho que corre bem. Pouco a</p>

			<p>pouco começam a interagir. Começam a habituar-se às regras da casa.</p> <p>E (e) – Fase inicial não é nada fácil. Temos de meter no lugar deles e imaginar como será ser retirado das nossas famílias. Temos de apoiar e acolhê-los.</p>
		27. Como se processa a apresentação dos novos elementos às crianças e jovens que já estão integrados na instituição?	27. E (d) – De maneira muito natural. Apresentamos os nomes dos que estão cá e tentamos que não se isolem e pedimos ajuda aos que já cá estão.
		28. Quais são as principais causas do acolhimento?	28. E (a) – Maior parte é negligência e falta de acompanhamento. A maioria das sinalizações dão-se na escola. Vêm de famílias monoparentais e não frequentam a escola. Por vezes também abuso e agressividade com as crianças.
		29. As famílias participam nas atividades de vida diária e/ou em outras atividades desenvolvidas na instituição?	29. E (d) – Muito pouco. Ideal seria ir às consultas com os miúdos, mas praticamente não acontece.
		30. Considera importante fomentar os laços afetivo significativos existentes antes do acolhimento?	30. E (c) – Se for uma relação saudável, sim. Como é obvio as famílias tem de ser trabalhadas, no CAFAP.

		32. Quando as crianças/jovens retornam a casa, qual é o trabalho feito com eles e com as suas famílias?	32. E (c) – Não fazemos seguimento depois de eles saírem. A medida cessa.
		33. O que acha que podia ser diferente no trabalho com as famílias?	33. E (c) – Todas as famílias deviam ser acompanhadas pelo CAFAP. Devia ser obrigatório.
		34. Quem está em relação direta com as crianças no quotidiano?	34. E (d) – As tias. E (e) – São as tias e doutoras, mas é mais as tias.
		35. Quais são as tarefas realizadas nessa interação?	35. E (d) – São preparados para a vida fora. Tentar ver se têm tudo preparado para a escola, banho, alimentação. Preparar para o futuro. E (e) – Os jovens de manhã, despacham-se para ir para a escola. Voltam, lancham e vão ter com o professor e uma psicóloga. Depois fazem a sua higiene. Jantam e relaxam. Lavam os dentes e depois vão dormir.
		36. Quem está com as crianças quando estas estão a estudar?	36. E (d) – O professor. E (e) – É o professor.
		37. Quem está com as crianças quando estas a tomar as refeições?	37. E (d) – As tias e uma auxiliar de serviços gerais. E (e) - É as tias.
		38. Quem está com as crianças quando estas vão para a escola?	38. E (d) – O motorista e as tias da manhã.

			E (e) - Motorista e as tias.
		39. Quem acompanha as crianças nas tarefas de arranjo dos vários espaços? Quarto? Sala de Jantar? Outros?	39. E (d) -Todas as tias. E (e) – É as tias.
		40. Quem fica com as crianças de noite? Como é preparado o deitar?	40.E (d) – É as tias. Lavam os dentes, os mais pequenos vão mais cedo que os mais velhos. Deixa-se uma luz de presença para irem à casa de banho. E (e) - As tias. Quando chega a hora de deitar, vão para os quartos e dormem.
		41. Quem brinca com as crianças? Como são desenvolvidas essas brincadeiras?	41. E (d) – São as tias. De momento não existe animadora. As doutoras também fazem atividades. E (e) - Essencialmente uns com os outros.
		42. Qual a qualidade das interações entre as próprias crianças?	42. E (d) -Entre eles é mais complicado, os maiores com os mais pequenos. E (e) - São adolescentes, existem coisas entre eles que se aborrecem.
		43. Os conflitos são frequentes? Quais as causas mais comuns? Como são resolvidos?	43. E (d) – Sim, depende dos dias. Agora é os namoros, boates, fofocas. Tentamos separar, falar com eles e fazer com que cada um peça desculpa ao outro. E (e) – As vezes sim, mas existem semanas que não há nenhum. As vezes

			nunca se pode chamar um nome. Na hora tentamos separar, acalmar e falar com os jovens.
		44. As crianças dão sinais de (des) agrado na interação com os pares? Quais os sinais habituais?	44. E (d) – Eles ou vêm falar connosco ou ficam tristes e percebemos. Têm as suas formas de expressar e mostrar. E (e) – Mostram e dizem mesmo.
		45. O que é que não deve acontecer na relação entre adultos, a fim de que estes possam ser um modelo de referência para as crianças?	45. E (d) – Eles percebem quando as tias não estão bem. Nunca falar à frente deles sobre alguém. E (e) - Verem dois adultos a zangar-se, ou a utilizarem palavras erradas.
		46. Quais os princípios de relacionamento interpessoal em que os adultos devem investir de modo a fornecer um modelo relacional construtivo, estruturante e securizante?	46. E (d) – Assertiva, compreensível, passiva, todo de positivo, nada de negativo, pontual e amar. E (e) - Ajudar o próximo e perdoar. É a falar que as pessoas se entendem e resolvem os problemas.
		47. No que diz respeito ao acompanhamento destas crianças/jovens, este funciona de que forma?	47. E (d) – Existe algo que pode ser trabalhado ainda mas corre bem. E (e) - Aqui prestamos um grande serviço, existem meninos que estão tão melhores e não estão aqui há muito tempo.
		48. Na instituição onde trabalha, considera que a participação da criança existe?	48. E (d) – Sim, têm. Precisam de mais incentivo e coragem para fazerem e falarem.

			E (e) – Sim, claro que sim.
		49. Como se mostra que se gosta de estar com a criança?	49. E (d) – Por atitudes, carrinho. As coisas mais básicas e pequenas para eles é tudo. E (e) – Os pequenos gestos, as pequenas preocupações, eles percebem que gostamos deles.
		50. Quais os principais objetivos da intervenção do assistente social na casa de acolhimento?	50. E (b) – É mudança. Mudar mentalidades e a forma como eles vêm as coisas. Trabalhar competências sociais e pessoais e integrá-los na comunidade.
		51. Quais são os modelos de intervenção que orientam a sua intervenção enquanto assistente social?	51. E (b) – Cada jovem tem o seu processo individual. Fazemos uma avaliação diagnóstica, para compreender as necessidades. Passado algum tempo, um relatório social, assim como um plano individual.
		52. Como descreve o decorrer de um processo de intervenção por parte do assistente social neste âmbito?	52. E (b) – Toda a intervenção, mesmo a burocrática. Essencial o contacto e comunicação com eles. Toda a intervenção tem de ser no contacto com eles.
		53. Quais os métodos de intervenção utilizados e as etapas que os compõem?	53. E (b) – Temos de ter a parte processual e as datas, mas aqui é mais a prática. Abertura de processo, levantamento de necessidades,

			conhecer e depois trabalhar diretamente com os jovens.
		54. Enquanto assistente social, quais as técnicas e instrumentos que utiliza neste contexto de intervenção?	54. E (b) – Abertura do processo, levantamento de necessidades.
		57. Como é que o assistente social mantém a sua especificidade no trabalho em equipa?	57. E (b) – Completamo-nos uns aos outros.
		58. De uma forma global, e pensando na intervenção concreta do Serviço Social, quais os principais obstáculos e dificuldades que identifica neste contexto?	58. E (b) – A fase do acolhimento inicial.
		59. Quais os princípios éticos que mais se destacam na intervenção do Serviço Social em contexto de casa de acolhimento?	59. E (b) – Mudança, o desafio.
		60. Quais os dilemas éticos mais frequentes na sua prática profissional em contexto de casa de acolhimento?	60. E (b) – Querer fazer mais e não conseguir por fatores externos e internos.
		61. Qual a importância do trabalho dos técnicos junto das crianças/jovens?	61. E (a) - Para além da gestão da casa. Uma intervenção intencional. Trabalhar com eles e perceber os

			agentes que temos de movimentar.
		62. De forma geral, como define este contexto de intervenção?	62. E (a) – É bem feito, se conseguíssemos dar atenção a todos, seria melhor. E (b) – Uma área difícil e desafiadora. Existem momentos que pensas que já não estas aqui a fazer nada, mas depois tens miúdos que evoluem e ouvem o que dizes e esses momentos compensam.

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados recolhidos

Para dar resposta ao Objetivo Geral: Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota, foi possível constatar que a mudança e a comunicação é o objetivo principal da intervenção do serviço social, trabalhar competências sociais e pessoais de forma a integrá-los na sociedade, para isso cada jovem tem o seu processo individual onde consta a sua avaliação diagnóstica para compreender as suas necessidades e por fim um relatório social, assim como um plano individual. Por outro lado, intervenção do serviço social apresenta como obstáculos a fase do acolhimento inicial, assim o querer fazer mais, mas não ser possível por motivos externos e internos. É possível concluir que é uma área difícil e desafiadora, mas que através da evolução das crianças/jovens, a intervenção do serviço social é compensada para a Assistente Social, neste caso, que apesar de ser um trabalho mais a nível prático, também tem a sua parte processual e limitações de datas. (Ver Tabela 4)

Tendo em conta as respostas obtidas através das entrevistas, verifica-se que as principais funções desempenhadas são: visitas de estudo; saúde; necessidades; interligação e comunicação com o professor e gestão interna da casa. A nível do trabalho realizado, constata-se que as entrevistadas consideram

que o seu trabalho é gratificante apesar de ser complexo. No que concerne à existência de profissionais, é demonstrado a insuficiência de técnicos na equipa. Foi possível ao longo das entrevistas, verificar que a equipa educativa, é a que se encontra mais presente e que está sempre com as crianças/jovens nas tarefas e acompanhamento destes. Deste modo, é possível dar resposta ao 1º Objetivo Específico, sendo este: Conhecer as funções e competências dos elementos da equipa multidisciplinar da Casa de Acolhimento – “A Gaiivota.” (Ver tabela 4)

No que concerne ao 2º Objetivo Específico – Conhecer a metodologia do Acolhimento das crianças e jovens, através das entrevistas foi possível constatar que a maioria das crianças e jovens apresentam medo e receio avindo da sua entrada na casa de acolhimento. De acordo com os procedimentos, é apresentada a casa e funcionamento desta, assim como é demonstrado apoio e preocupação com estes. Sendo assim este objetivo específico fica concluído. (Ver tabela 4)

Em relação à interação entre as equipas e as crianças/jovens, esta é caracterizada como uma relação de proximidade e cumplicidade. No que concerne ao projeto de vida, é feito pela equipa técnica um trabalho junto destes com um objetivo definido. Verifica-se que no acompanhamento interno, as tias são as que mais se encontram no quotidiano destas crianças/jovens, no entanto o acompanhamento pode ser melhorado, apesar de verificarem que as crianças/jovens se encontram melhores desde a sua entrada na casa. É perceptível que as crianças/jovens são preparadas para a vida fora da casa de acolhimento e que são transmitidos valores como o respeito e a educação. Desta forma, é possível dar resposta ao 3º Objetivo Específico - Caracterizar o acompanhamento interno destas crianças e jovens. (Ver tabela 4)

Por fim, para dar resposta ao 4º Objetivo Específico, sendo este: Conhecer as etapas de integração das crianças e jovens na instituição, foi possível constatar que no início não é fácil a integração uma vez que estas crianças/jovens apresentam personalidades diferentes e que cada um, demora o seu tempo a se integrar e identificar-se. De forma a tentar combater essa situação, estes quando chegam à casa de acolhimento, são apresentados ao grupo existente, assim como à equipa técnica e educativa, para que estes se sintam integrados e acolhidos. (Ver Tabela 4)

✓ Inquéritos:

O inquérito foi um dos instrumentos de recolha de dados utilizado na investigação, tendo sido aplicado junto de 29 crianças/jovens residentes no concelho de Albufeira, com o objetivo de conhecer a sua perspetiva relativamente a alguns dos objetivos específicos do presente estudo.

O inquérito em apreço é composto por 14 questões e está estruturado em quatro grupos de perguntas. O primeiro grupo debruçou-se sobre a casa de acolhimento; o segundo focou-se no grau de satisfação por este grupo de crianças e jovens; o terceiro reúne questões relacionadas com a opinião de mudança de casa de acolhimento e, por fim, as questões do quarto grupo compreendem o que gostam e não gostam da casa de acolhimento.

O inquérito foi respondido de forma presencial durante o decorrer do mês de setembro e foi aplicado pela discente.

Tabela 5 – Análise dos Questionários

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	<u>Discordo</u>	<u>Às vezes</u>	<u>Concordo</u>
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento	<u>6 respostas</u>	<u>6 respostas</u>	<u>17 respostas</u>
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso	<u>0 respostas</u>	<u>7 respostas</u>	<u>22 respostas</u>
Posso falar com um técnico sempre que preciso	<u>1 resposta</u>	<u>8 respostas</u>	<u>20 respostas</u>

Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança	<u>1 resposta</u>	<u>9 respostas</u>	<u>19 respostas</u>
A Casa de Acolhimento é segura e confortável	<u>2 respostas</u>	<u>10 respostas</u>	<u>17 respostas</u>
Recebo todos os cuidados que necessito	<u>1 resposta</u>	<u>7 respostas</u>	<u>21 respostas</u>
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta	<u>2 respostas</u>	<u>16 respostas</u>	<u>11 respostas</u>
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor	<u>2 respostas</u>	<u>6 respostas</u>	<u>21 respostas</u>
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição	<u>1 resposta</u>	<u>11 respostas</u>	<u>17 respostas</u>
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento	<u>0 respostas</u>	<u>3 respostas</u>	<u>26 respostas</u>

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
-----------------	------------------	------------	------------------	-----------------------

				
<u>1 resposta</u>	<u>1 resposta</u>	<u>12 respostas</u>	<u>12 respostas</u>	<u>13 respostas</u>

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porquê?

Sim	Não
<p>Espaço exterior – <u>1 resposta</u></p> <p>Algumas regras, como ficar acordado até mais tarde – <u>1 resposta</u></p> <p>Mudaria para Évora – <u>1 resposta</u></p> <p>Sem explicação dada – <u>4 respostas</u></p> <p>Tudo – <u>1 resposta</u></p>	<p><u>21 respostas dadas</u></p>

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

<p>Atividades – <u>4 respostas</u></p> <p>Amizades – <u>3 respostas</u></p> <p>Pessoas da Casa:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Tias: <u>5 respostas</u> ✓ Doutoradas: <u>2 respostas</u> ✓ Colegas/Jovens: <u>3 respostas</u> <p>Dormir/Ficar na cama – <u>3 respostas</u></p> <p>Casa de Acolhimento – <u>3 respostas</u></p> <p>Espaço Exterior – <u>1 resposta</u></p>
--

Quarto – 2 respostas

Sala de Estudos – 3 respostas

Comida – 2 respostas

Nada – 1 resposta

Ar condicionado – 1 resposta

Valores (Respeito, Sossego e Educação) – 1 resposta

4) O que é pior da casa de acolhimento?

WIFI – 1 resposta

Falta de comunicação – 1 resposta

Diferença de tratamento/Arrogância/Castigos – 3 respostas

Muitas pessoas – 1 resposta

Espaço Exterior/Sem tempo – 2 respostas

Comportamentos de alguns jovens/Brigas/Convivência com alguns jovens que criam mau ambiente – 6 respostas

Dormir demais – 1 resposta

Muitas pessoas – 1 resposta

Poucas atividades – 1 resposta

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados recolhidos

5.1. Discussão dos Resultados

Após a fase de apresentação dos dados recolhidos, importa então analisar esses mesmos dados numa forma mais profunda, agregando e cruzando informação de forma a obter conclusões mais sustentadas.

Tendo em conta os resultados obtidos das questões relacionadas com o 1º Grupo, é possível verificar que as crianças/jovens, a nível de valores, sendo estes, a Igualdade, a Entreatajuda, o Apoio, a Segurança, o Conforto, os Cuidados,

o Incentivo, as Atividades e as Regras, a maioria encontra-se em concordância. (Ver Tabela 5)

Por outro lado, no que diz respeito à Dúvida/Questão, as crianças/jovens não têm uma opinião concreta. (Ver Tabela 5)

No que concerne ao 2º Grupo do Inquérito, foi possível verificar que as crianças/jovens se encontra satisfeitos com a casa de acolhimento, uma vez que apenas 2 dos 29 inqueridos, demonstram insatisfação. (Ver Tabela 5)

De acordo com o 3º Grupo, a maioria das crianças/jovens, afirmam que não mudariam de casa, já uma minoria destas, concorda que mudaria por diversos motivos. (Ver Tabela 5)

Por fim, no 4º Grupo, é visível que para a maioria das crianças/jovens, o melhor da casa de acolhimento se desbrocha entre as atividades e principalmente as ajudantes de ação educativa, uma vez que estas se encontram na linha da frente com estes, sendo considerado desta forma, a sua figura de referência. Já no que diz respeito ao pior da casa de acolhimento, é possível concluir que o maior problema é os próprios conflitos entre as crianças/jovens. (Ver Tabela 5)

6. Considerações Finais e Limitações do Estudo

As crianças são as mais “injustas” vítimas de maus-tratos, seja ele que tipo de maus-tratos for. Em última alternativa são retiradas à família e entregues ao cuidado de instituições que têm como principal objetivo, protegê-las, garantir o seu bem-estar e desenvolvimento global, bem como promover a reabilitação física e/ou psicológica daqueles que foram vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso, no intuito de mais tarde regressarem à sua família, o que infelizmente, nem sempre é possível, na maior parte das vezes porque a família não se consegue reestruturar e organizar, o que implica que as crianças e/ou jovens acabem por passar grande parte da sua vida institucionalizadas.

As crianças e jovens assumem hoje uma importante relevância e protagonismo com atores sociais, sendo crescente a sua visibilidade social. A problemática das crianças e jovens em perigo merece e justifica medidas sociais e jurídicas que envolvam o Estado, mas também toda a sociedade. Esta é uma realidade pública, com a qual, cada vez mais, nos vamos colidindo no nosso dia-a-dia. Crianças que se encontram em situação de perigo, são cada vez mais e, por vezes, é difícil entender e perceber o quão grave se passa naquele núcleo familiar.

A nós, cidadãos, cabe a responsabilidade e o dever de colaborar na construção de uma sociedade mais justa, integradora e equitativa, devendo esta responsabilidade fazer parte de uma estratégia cooperativa de relações interpessoais, interinstitucionais, mas também sociais. Só assim é que poderemos proporcionar a todas as CRIANÇAS o respeito e dignidade que merecem ao longo do seu crescimento.

Sendo que na atualidade são vários os dilemas sociais, e tendo em conta que sociedade se encontra em constante mudança, estes igualmente suportam diferentes alterações de modo que os profissionais de serviço social devem conseguir dar resposta.

A nós, Assistentes Sociais, cabe-nos a difícil tarefa de cuidar e olhar por estas famílias e suas crianças. O tempo que «gastamos» com estas famílias e que julgamos estar perdido é mentira.... É mais uma etapa vencida! Fica a

consciência de que nos empenhámos em prol de uma vida melhor, embora seja à maneira de cada um..., mas é aquilo que se é capaz de construir.

Nesta perspetiva a Escola Superior de Educação de Beja, através do Curso de Mestrado em Serviço Social, talha os seus discentes, atribuindo desta forma, ensinamentos consistentes, exatos e competentes de conceder argumentos a delimitadas posições ou dilemas vistos no seu espaço laboral.

A escolha do local da investigação teve por base o facto de a discente querer ter um maior conhecimento sobre esta temática, assim como a facilidade em realizar as entrevistas e os inquéritos por ter sido o sítio onde realizou o seu estágio de licenciatura.

No que concerne às limitações do estudo, foi complicado para a discente por motivos institucionais, a realização das entrevistas e dos inquéritos no tempo estipulado.

Foi possível verificar a escassez de visitas familiares, visto que algum pouco ou nenhum contacto têm com a respetiva família, como foi referido pela Diretora Técnica, que nem às consultas médicas, eles deveriam acompanhar e não acompanham.

No que concerne à vivência das crianças/jovens dentro da Casa de Acolhimento – “A Gaivota”, foi me possível verificar que as brigas e os conflitos são frequentemente existentes e que acabam por incomodar o grupo de crianças/jovens que foi questionado.

No que respeita à interação dos jovens com os profissionais das casas de acolhimento, salientam o estabelecimento de vínculos afetivos significativos, no entanto também estes relataram a construção de sentimentos de injustiça e ausência de privacidade, condicionando a sua vida na casa de acolhimento.

Foi perceptível no decorrer da investigação que a falta de autonomia, a falta de empenho, organização, a falta de respeito, a falta de obediência em relação às regras impostas pela equipa técnica e a pouca perspetiva de vida futura por parte de algumas crianças/jovens, são uma das grandes dificuldades encontradas pela equipa técnica no trabalho realizado com os mesmos.

No entanto, é também de realçar que a Santa Casa da Misericórdia de Albufeira ajuda estas crianças/jovens ao nível da alimentação, do vestuário, ao nível médico, escolar e educativo.

É importante para a discente realçar o extraordinário trabalho realizado pela Equipa Técnica com as crianças/jovens de maneira que estas possam alcançar um projeto de vida, mesmo que muitas vezes os utentes voltem para as famílias ou escolham uma vida autónoma sem a ajuda desta. Assim como o trabalho realizado pela Equipa Educativa, que como foi perceptível verificar, estas acolhem, amam, cuidam, protegem e educam.

Foi, ainda, perceptível para a investigadora que ao nível pessoal a mesma sentiu um enorme crescimento ao nível pessoal, assim como uma bagagem de conhecimentos bastante importantes para a sua vida futura, assim como o seu respetivo futuro ao nível profissional.

Referências Bibliográficas

(s.d.).

- Batista, C.G.M. (2014). A Perspetiva dos Profissionais sobre a Institucionalização de Crianças e Jovens. Portalegre. Instituto: Instituto Politécnico de Portalegre. Escola Superior de Educação. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/9203/1/CI%c3%a1udia%20abriela%20Mendes%20Batista.pdf> consultado a 24-09-2023.
- Carvalho, M.I. (2020). Ser Assistente Social. Lisboa: PACTOR.
- Caldeira, L.B. O Conceito de Infância no decorrer da história. Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf data de consulta a 05-08-2023.
- Diogo, E., Felgueira, H., Luz, H., Morgado, H., Muñoz, I., Brinca, J., Souto, M., Vasconcelos, M., Menezes, N., Almeida, R. & Valduga, T. (2022). O lugar dos instrumentos no serviço social. Edições Esgotadas.
- Domingues, S. (2017). Um olhar a partir da CPCJ de Coimbra. Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia. Disponível em <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/82714/1/Relat%C3%B3rio%20de%20est%C3%A1gio.pdf> consultado a 14-07-2023.
- Fialho, J. & Silva, C. A. & Saragoça, J. (2020). Diagnóstico Social. Lisboa: SÍLABO.
- INE, Instituto Nacional de Estatística. (2020) Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&contexto=pi&indOcorrCod=0008273&selTab=tab0 consultado a 21-09-2023.
- Leça, A. & Perdigão, A. & Laranjeira, A. R. & Menezes, B. (coord.), & Velez, C. & Veloso, C. & Oliveira, D. & et al. (2011). Ação de Saúde para Crianças e Jovens em Risco. Edição: Direcção-Geral da Saúde e Divisão de Comunicação e Promoção da Saúde no Ciclo de Vida. Disponível em https://www.ordemenfermeiros.pt/arquivo/colegios/Documents/2015/DG_S_MausTratosCriançasJovensGuiaPraticoAbordagemDiagnosticoIntervencao.pdf data de consulta a 20-10-2023.

- Mendes, T. S. & Santos, P. V. (2014). O Acolhimento de Crianças e Jovens em Perigo. Lisboa: CLIMEPSI EDITORES.
- Loulé, F.M.M.R. (2010). Crianças em Perigo: A Prática Profissional dos Assistentes Sociais nas CPCJ'S da Sub-Região do Baixo Mondego. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga. Escola Superior de Altos Estudos. Disponível em <http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/194/1/Tese%20Filipa%20Loul%C3%A9.pdf> consultado a 19-09-2023.
- SCMA, Caracterização da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira. Disponível em <https://www.misericordiaalbufeira.com/a-instituicao/> data de consulta a 13-08-2023.
- SG, Segurança Social (2019) Crianças e jovens em situação de perigo. Disponível em <http://www.seg-social.pt/criancas-e-jovens-em-situacao-deperigo> consultado a 19-09-2023.
- Portal do Município de Albufeira. Disponível em <https://www.cm-albufeira.pt/> consultado a 18-08-2023.
- Robertis, C. (2018). Metodologia da Intervenção em Serviço Social. Lisboa: Porto Editora.
- Ruivo, S. (2013). Regulamento Interno da Casa de Acolhimento “A Gaivota”. Disponível <https://www.misericordiaalbufeira.com/wpcontent/uploads/RI-CASA-DE-ACOLHIMENTO-A-Gaivota-de-14NOV13.pdf> em data de consulta a 15-09-2023.
- Trindade, J. (2015) Resiliência em crianças e jovens acolhidos em centros de acolhimento temporário. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/10554> consultado a 16-07-2023.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Entrevistas

Guião de entrevista – À Equipa Multidisciplinar da Casa de Acolhimento – “A Gaivota”

Objetivo: Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Esta entrevista será aplicada no âmbito de um estudo em curso sobre: “Qual é a importância do trabalho do Assistente Social enquanto elemento de uma Equipa Multidisciplinar da Casa de Acolhimento “A Gaivota” na integração das crianças e jovens? “que está a ser desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado em Serviço – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local.

Agradecimento à disponibilidade para colaborar no estudo. Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do estudo em curso. Garante-se total anonimato e confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação neste trabalho tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender. Nos termos constantes do RGPD – Regulamento Geral sobre Proteção de Dados informa-se adicionalmente que:

- 1) Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para os fins do estudo em curso, não sendo alvo de divulgação a mais ninguém ou entidade;**
- 2) No fim do estudo (outubro de 2023), o registo áudio/vídeo da entrevista será destruído;**
- 3) O responsável pela recolha e tratamento dos dados é, contactável através de: (larasilva3000@gmail.com);**
- 4) O estudo está a ser realizado sob a coordenação/supervisão da Professora Antónia Silva (antonia.silva@ipbeja.pt) responsável pela Unidade Curricular: Métodos Avançados de Investigação em Ciências**

Sociais, do 1º Semestre do 1º Ano, do Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local do Instituto Politécnico de Beja.

5) O responsável pela área da proteção de dados no IPBeja é o Prof. Manuel Masseno (masseno@ipbeja.pt) podendo expor reclamação, se aplicável.

Tendo tomado conhecimento sobre a informação acerca do estudo e os meus direitos no âmbito do RGPD, declaro que:

___/___/___ **Aceito participar** **Não aceito participar**

Boa tarde, esta entrevista será aplicada no âmbito de um estudo em curso sobre um projeto social que constitua uma boa prática que promove o desenvolvimento comunitário, que está a ser desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, do Instituto Politécnico de Beja.

A entrevista será realizada entre a aluna Lara Silva e a equipa multidisciplinar/educativa da Gaivota.

Desde já, agradeço a sua disponibilidade e colaboração na realização desta entrevista.

Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do estudo em curso.

Garante-se total confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender.

No decorrer desta entrevista, irei fazer algumas perguntas relacionadas com os entrevistados, assim como a Casa de acolhimento – “A Gaivota”.

Entrevista – E (a)

Técnica Estagiária

Caracterização do Entrevistado:

1) Que idade tem?

“Tenho 24 anos.”

2) Qual a sua formação académica?

“É Ciências da Educação e Formação.”

3) Qual a sua atividade profissional?

“Pronto. Neste momento é aqui, Especialista do Trabalho Social pelo IEFP... é dentro da equipa técnica.”

4) Quais os motivos que a levaram a trabalhar nesta Casa de Acolhimento?

“Bem, eu fiz o estágio do mestrado curricular aqui e depois foi-me feita a proposta para estágio profissional. Portanto, foi nesse sentido que já estava aqui e depois continuei.”

5) Quais as principais funções que desempenha no seu dia-a-dia?

“Neste sentido, a minha função acaba por ser ali mais ligada à parte da escola, tudo o que é preparações de visitas de estudo, ou tudo o que seja necessário a nível de livros, material escolar, pronto tudo à base disso. Depois também faço a mesada, aquilo tem nível das tarefas, tem de ser cumpridos determinados objetivos e no final tem de ser feito as contas todas. Nesse sentido no final, pois há sempre os recibos de quitação, que é a forma que a gente usa para justificar o dinheiro dos miúdos, cada miúdo tem um recibo que tem que estar lá com o valor e a justificação do valor. Pois a nível das consultas médicas, também acompanho... parece que me falta algumas coisas. Pois aqui o meu objetivo também tanto aqui na equipa é um objetivo mais ligado à formação também tentar identificar quais são as necessidades sentidas que aqui a equipa pode sentir, tanto a educativa como a técnica. É tudo nesse sentido ligado à escola e a comunicação com os encarregados de educação e mesmo a interligação com o professor que está aqui.”

6) Como avalia o trabalho que realiza?

“Tento dar o meu melhor. Portanto, aprendo todos os dias é um facto. Há dias que faço as coisas melhores, há outros dias que falho em algumas coisas, mas vou tentando sempre dar o melhor.”

Experiência do Entrevistado:

7) Há quanto tempo é Técnica? Qual foi a sua primeira experiência enquanto Técnica?

“Como Técnica agora é desde Maio, ligada ao IEFP sim. E a minha primeira experiência como Técnica foi aqui.”

8) Trabalha há muito tempo nesta temática de Crianças e Jovens em Perigo?

“Pois, é a primeira vez.”

9) Foi uma temática que sempre lhe interessou? Se sim, Porquê?

“As crianças e os jovens sempre foi, não neste sentido de crianças e jovens em situação de perigo, mas crianças e jovens sempre foi uma área que eu tinha interesse em trabalhar e para mim até foi um ponto, que me surpreendeu um bocadinho, toda esta logística, estas dinâmicas que eu não fazia ideia de como eram na realidade, a gente ouve mas quando está aqui é totalmente diferente.”

10) Quantas horas de trabalho adicional realiza?

“Depende do dia-a-dia, tentamos, mas existem coisas que acontecem à última da hora e que é necessário, como às vezes é necessário regressar aqui depois de um dia, como foi a semana passada, tivemos um acolhimento às 22h30 da noite e tivemos de vir. Portanto, mas sim dentro das 7 horas nós tentamos cumprir. Há percalços sempre e o facto de a equipa também ser mais reduzida também às vezes não é fácil.”

Situação Relacional do Entrevistado com as Crianças e Jovens:

11) De que forma, funciona o seu relacionamento de Técnica, com estas Crianças/Jovens?

“Prontos a nossa parte aqui da equipa técnica, acaba por ser uma ligação, mas acaba por ser diferente da equipa educativa que estão mais. Tentamos sempre, eu tento sempre partir um bocadinho, primeiro ser justa e o mais imparcial possível, é difícil não criar algumas afinidades com mais alguns como em tudo na vida, mas temos de ser imparciais e justas em qualquer situação e eu tento ser assim.”

12) De que forma, estabelece enquanto Técnica, a comunicação com os familiares destas Crianças/Jovens?

“Pronto a minha parte não está muito ligada à questão da família, sempre que tento falar com eles, tento ajudá-los, alguns ligam até só para perguntar alguma coisa específica, tento sempre, pronto falar com eles da melhor forma possível, mas pronto a minha parte não é bem ligada à família recebo as chamadas eventualmente para marcar o fim-de-semana, para marcar uma visita, mais nesse sentido.”

13) Quais são as maiores dificuldades sentidas enquanto Técnica, na sua intervenção com estas Crianças/Jovens?

“Isto é um bocadinho, é quase que irónico, mas as vezes estes miúdos que aqui estão sinto que não têm bem noção do que a vida realmente exige e as vezes exigem-nos tano tanto e a vida não é assim, não é. Eu não tenho sempre

uns ténis quando quero, não compro um telemóvel quando me apetece, todos nós, prontos, eu as vezes penso que lhe falta um bocadinho essa noção, ou nos tentamos tanto proporcionarmos-lhe as coisas, que nessas pequenas coisas eles parecem que não têm noção. Porque só querem é Nike, Adidas e isso custa dinheiro. Portanto as vezes o que custa mais é a ingratidão que eles têm e no fundo tentamos-lhes dar o melhor, eu sei que as vezes, as condições ou o contexto que eles vieram não é o melhor, mas há crianças aí que nem sequer têm este apoio. É difícil gerir às vezes essa parte da ingratidão deles”

O Acolhimento:

14)Quais são os tipos de interações existentes entre os profissionais e as Crianças e Jovens em Perigo?

“Eu tento ouvi-los principalmente, acontece um tipo de situação ok, conta-me tudo o que se passou porque o outro vai dizer outra coisa, a tia vai dizer outra coisa e tento perceber a situação e novamente ser o mais justa possível e cordiais porque não podemos dizer sim a um e o outro vir fazer exatamente a mesma pergunta e dizer que sim porque gosta mais dele ou menos dele, acho que é mais nesse sentido.”

15)Que dificuldades, apresentam estas Crianças/Jovens no momento da sua entrada em contexto de Acolhimento?

“Isso depois também depende muito, por exemplo, tivemos agora um acolhimento a semana passada em que o rapaz parece que esta aqui desde sempre, porque é super social, falou com toda a gente, no entanto, tivemos uma rapariga de etnia cigana em que o contexto é muito diferente e por ela as vezes, ver as meninas só de biquíni, causa assim um bocadinho, pronto, então há essa dificuldade e depende da criança ou jovem si, mas de forma geral, daquilo que eu tenho visto, e nos tentamos sempre que eles sejam mais facilmente integrados, por tanto, de uma forma geral, eu levo isso de uma forma positiva. Ainda não tivemos assim um caso que digamos que não tenha funcionado bem.”

16)Existência ou não de um Projeto de Vida para estas Crianças/Jovens?

“Tentamos que exista, a parte da autonomia e tudo mais é a mais difícil e nos sentimos aqui e tentamos, mas é mesmo difícil. Ainda agora tinha um moço com 23, foi fazer análises, vais sozinho, e ele ficou super assustado. É difícil, tentamos, mas pronto lá esta, alguns já trabalham para a autonomia, outros que ainda têm um processo de regresso à família, portanto, depois também depende de cada caso.”

17) De que forma, ocorre a adaptação destas Crianças/Jovens com a Equipa Técnica e restantes utentes?

“Pois lá está, depois também depende de cada um, como é que ele gere, pronto temos aqui dos 8 aos 23 e todos são diferentes, todos lidam com as emoções de forma diferente. Temos aqui dois meninos que têm situações de dia-a-dia, as emoções são difíceis de gerir, e depois temos outros, que pronto, que levam as coisas mais normal possível e que tentam se adaptar, e que aceitam mais ou menos esta realidade. Depois depende mesmo da criança.”

18) Existência ou não de profissionais competentes para acompanhar estas Crianças/jovens?

“Sim, eu acredito que sim. Somos poucas, só duas da equipa técnica e a diretora técnica.”

19) Enquanto Técnica, caso fosse possível, o que melhorava no processo/accompanhamento de Acolhimento destas Crianças/Jovens?

“Isto era tudo mais bonito, nos temos 42 neste momento, é impossível individualizar as coisas e é o ideal, era o ideal, perguntar todos os dias, falar com alguns e no entanto há miúdos que nos passam. Porque ligamos mais aqueles que fazem coisas erradas, porque temos que lhes dar na cabeça, porque temos de impor castigos. O que se melhorava era isso, sendo reduzido, o trabalho seria totalmente diferente.”

Papel de Técnica na Instituição:

20) De forma global, como define este contexto de intervenção?

“De uma forma global, é bem feito, agora se conseguíssemos dar atenção a todos, seria melhor.”

21) Quais os principais objetivos da intervenção enquanto na casa de acolhimento?

É um pouco como disse mais acima. A minha ideia aqui também é puxá-los o mais possível para as escolas. Porque eles podem ficar aqui até aos 25, mas estando a estudar ou numa formação profissional específica. O meu objetivo aqui é mais tentar motivá-los a continuarem os estudos, a fazerem tudo direitinho, é mais nesse sentido.”

Guião de entrevista – À Equipa Multidisciplinar da Casa de Acolhimento – “A Gaivota”

Objetivo: Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Esta entrevista será aplicada no âmbito de um estudo em curso sobre: “Qual é a importância do trabalho do Assistente Social enquanto elemento de uma Equipa Multidisciplinar da Casa de Acolhimento “A Gaivota” na integração das crianças e jovens? “que está a ser desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado em Serviço – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local.

Agradecimento à disponibilidade para colaborar no estudo. Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do estudo em curso. Garante-se total anonimato e confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação neste trabalho tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender. Nos termos constantes do RGPD – Regulamento Geral sobre Proteção de Dados informa-se adicionalmente que:

- 1) Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para os fins do estudo em curso, não sendo alvo de divulgação a mais ninguém ou entidade;**
- 2) No fim do estudo (outubro de 2023), o registo áudio/vídeo da entrevista será destruído;**

3) O responsável pela recolha e tratamento dos dados é, contactável através de: (larasilva3000@gmail.com);

4) O estudo está a ser realizado sob a coordenação/supervisão da Professora Antónia Silva (antonia.silva@ipbeja.pt) responsável pela Unidade Curricular: Métodos Avançados de Investigação em Ciências Sociais, do 1º Semestre do 1º Ano, do Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local do Instituto Politécnico de Beja.

5) O responsável pela área da proteção de dados no IPBeja é o Prof. Manuel Masseno (masseno@ipbeja.pt) podendo expor reclamação, se aplicável.

Tendo tomado conhecimento sobre a informação acerca do estudo e os meus direitos no âmbito do RGPD, declaro que:

___/___/___ Aceito participar Não aceito participar

Boa tarde, esta entrevista será aplicada no âmbito de um estudo em curso sobre um projeto social que constitua uma boa prática que promove o desenvolvimento comunitário, que está a ser desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, do Instituto Politécnico de Beja.

A entrevista será realizada entre a aluna Lara Silva e a equipa multidisciplinar/educativa da Gaivota.

Desde já, agradeço a sua disponibilidade e colaboração na realização desta entrevista.

Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do estudo em curso.

Garante-se total confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender.

No decorrer desta entrevista, irei fazer algumas perguntas relacionadas com os entrevistados, assim como a Casa de acolhimento – “A Gaivota”.

Entrevista – E (b)

Assistente Social

Caracterização do Entrevistado:

1) Que idade tem?

“Tenho 34.”

2) Qual a sua formação académica?

“Serviço Social.”

3) Qual a sua atividade profissional?

“Técnica de Serviço Social.”

4) Quais os motivos que a levaram a trabalhar nesta Casa de Acolhimento?

“Inicialmente foi assim, um mar de descoberta. Entretanto depois isto acaba por ser um trabalho que é difícil, mas todos os dias é diferente, e acho que foi isso que me fez ir ficando. Porque eu acho que é, não é aquela, aquela monotonia, os dias aqui não são iguais, aqui tens sempre, tens sempre muitas agitações, os dias nunca são iguais e acho que é isso que me faz, se calhar se fosse para outro trabalho que tinha os dias todos iguais era uma seca. Aqui tens animação todos os dias, tens uns dias mais calmos, outros mais agitados, mas acho que é isso que faz, e é aquela adrenalina.”

5) Quais as principais funções que desempenha no seu dia-a-dia?

“Ora, pronto, nos temos aqui uma equipa, para ser mais fácil toda a gestão da casa, nos dividimos tarefas. Neste momento estou com a parte da saúde, eu é que organizo essa parte, estou com uma parte aqui também de recursos humanos, gestão direta com elas, os mapas de assiduidade e também faço aqui os processos, faço os relatórios sociais e quando é necessário também faço as informações para os tribunais, porque nos temos os processos divididos. Temos x meninos para cada uma, quando há uma informação para o tribunal nos fazemos. E depois, também agora fazemos os planos individuais, ou seja, nos ficamos com vários. Eu sei que tenho aqueles meninos para mim, sou eu que faço. Imagina que as colegas precisam de uma informa sobre algum jovem desses, perguntam-me a mim e eu, ou dou o documento, ou estou mais dentro da situação. É assim estamos todas dentro da situação, mas umas mais específicas que outras.”

6) Como avalia o trabalho que realiza?

“Tem dias que sinto que estou a fazer alguma coisa, mas tem outros dias que não. Isto tudo depende. Isto são tudo fases. Como isto é uma casa tão cheia e tão cheia de personalidades diferentes que eu acho que tudo depende do que acontece no dia, mas existe dias que eu sinto que estou a contribuir para alguma coisa, há outros que eu parece que não consigo sair do mesmo sítio.”

Experiência do Entrevistado:

7) Há quanto tempo é Assistente Social? Qual foi a sua primeira experiência enquanto Técnica?

“Há 11 anos. Foi como Assistente Social na casa de acolhimento os pirilampos, onde tinha faixa etária dos 0 aos 12.”

8) Trabalha há muito tempo nesta temática de Crianças e Jovens em Perigo?

“Sim, há 11 anos.”

9) Foi uma temática que sempre lhe interessou? Se sim, Porquê?

“Sim, sim. Porque acho que é mesmo o contacto com as pessoas, o desafio com as pessoas, acho que é uma área difícil, acho que todos temos consciência disso, mas que acho que também é interessante. Porque tu ao relacionares-te com as pessoas também consegues perceber outras coisas, por isso, acho que é importante termos uma visão geral. E aliás na nossa profissão temos de a ter. Não podemos ter aqui pensamentos mais retrógrados.”

10) Quantas horas de trabalho adicional realiza?

“Não te sei especificar, mas é raro o dia que eu consigo sair a horas. Atualmente posso dizer que estou mais disciplinada. Há uns anos não conseguia ser tão disciplinada, agora se calhar já consigo. Por exemplo, o meu horário é das 9h30 às 17h30, hoje se calhar já consigo sair às 18h00, 18h30. Antes eu sei que não, mas com o tempo eu fui-me orientando. Nós temos que pensar que, não podemos querer fazer tudo naquele dia. Nós quando ficamos até mais tarde, ou temos uma situação mais tarde, sabemos que é uma situação que se justifica. Ainda a semana passada tivemos de ficar à noite, porque tivemos um acolhimento urgente. “

Situação Relacional do Entrevistado com as Crianças e Jovens:

11) De que forma, funciona o seu relacionamento de Assistente Social, com estas Crianças/Jovens?

“É assim, pronto, aqui, o nosso papel é tentar ajudá-los, encaminhá-los, educá-los da melhor forma. Porque estes meninos não têm, o passado deles infelizmente não foi o melhor, não têm aqui bons históricos e lá está o estilo de vida que eles estavam habituados, não era o mais correto, ou seja, aqui o nosso papel acho que, aqui o grande objetivo é que eles olhem para a vida de outra maneira, que eles consigam perceber que existem outras formas de estar e de ser. E isto dá trabalho. Porque eles quando chegam, vêm com hábitos assim diferentes e eles demoram o seu tempo a perceber e até estranham quando nos tratamos de forma diferente e ficam muito surpreendidos. As vezes dizem, por exemplo, está-me a dizer isso porquê? Ou seja, então não se ia chatear comigo? Eles estranham a nossa atitude, e depois nos explicamos, isto é que é a maneira correta, por isso eu acho que é mesmo isso, acho que é, nos temos aqui um papel importantes, podemos ser aqui a mudança para

eles. Mas há uma coisa importante eles também têm de querer essa mudança. Porque infelizmente temos alguns que não querem, mas a maioria aceita, demoram o seu tempo, mas aceitam”

12) De que forma, estabelece enquanto Assistente Social, a comunicação com os familiares destas Crianças/Jovens?

“Eles chegam-nos e a partir desse momento nos aí começamos a ter uma relação também com a família. Pronto a nossa relação com a família acaba por ser diária, porque há sempre dúvidas, há sempre os pais que ligam para relatar alguma situação. Aliás o procedimento é quando eles chegam, ali passado alguns dias, marcamos com os familiares, neste caso, com os familiares que estavam responsáveis, para conhecermos, para explicarmos as regras, como é que tudo funciona, porque é importante, porque as vezes há pais que acham que podem ligar a qualquer hora. Por isso, é importante que eles nos conheçam e também conheçam as regras da casa. Estamos a implementar, porque nos agora temos um supervisor externo, vamos ter um manual para entregar nestes momentos, em que está lá, os nossos contactos, tem os nossos nomes, tem as regras, tem horários, ou seja, tudo aquilo que os pais nos perguntam. Mas acho que é assim, depende, acho que neste momento, não temos assim nenhuma situação que seja problemática, já houve, porque há sempre um pai que é assim mais desafiador, e que tenta impor a sua vontade, mas lá está, aos poucos e conhecendo, porque acho que também é importante nos ganharmos a confiança das famílias, porque eles têm que perceber que isto é um trabalho de equipa, não fomos nós que os fomos buscar, e pronto as vezes olham para nós assim de uma forma, mas depois começam a perceber que a nossa missão aqui é para eles para os jovens, não é para as famílias, tanto que nos temos o cafap e o cafap é mais direcionado, tudo o que é famílias aqui de albufeira são acompanhadas por o cafap de albufeira. E depois acabamos por todos nos complementar. Esta aproximação com a família é essencial.”

13) Quais são as maiores dificuldades sentidas enquanto Assistente Social, na sua intervenção com estas Crianças/Jovens?

“Neste momento é as questões de saúde mental, porque temos cada vez mais jovens com estas questões da saúde mental, estamos a falar de meninos que

têm comportamentos mais agressivos, estamos a falar principalmente de meninas que se automutilam. Cada vez mais o perfil de jovens que nos chegam e dos pedidos que nos chegam, demonstram muito isso e o que é que acontece chegam só que depois nós não temos uma resposta a nível de saúde. Por exemplo, nos estamos a recorrer a consultas no privado de pedopsiquiatria aqui em Albufeira porque não temos resposta no hospital de Faro, só temos um jovem que esta a ser acompanhado no hospital de Faro, e ele já vinha com esse encaminhamento. Agora nos, tudo o que é encaminhamentos, que nos pedimos, são encaminhados para Lisboa, ou seja, nos depois avaliamos, então ir daqui para Lisboa, um Técnico, combustível, tempo, ou seja, o que é que nos pensamos mais vale irmos aqui ao privado, mas acho que é uma área que está aqui a ser desenvolvida, a segurança social também tem tido aqui mais essa preocupação. Para mim é uma mais minhas maiores preocupações, nos depois no nosso dia-a-dia é difícil gerirmos determinados comportamentos, e depois é assim alguns deles tomam medicação, medicação as vezes um bocadinho forte, mas eu acho que é necessária. Pronto, depois também é as nossas faixas etárias nestes momentos estão ali muito centradas nos 15,16 então temos aqui algumas questões também de tabaco. Temos aqui umas idades um bocadinho complicadas. Acho que para mim é mais a questão da saúde mental e as questões deste perfil da adolescência, depois estão em grupo e parece que tentam puxar mais. Eles cresceram e agora estão naquela idade que começa a haver alguns problemas. Tentamos minimizar, mas nem sempre dá. Muitas vezes há relatos de fumos no quarto, depois são aplicadas medidas corretivas, uma vez que não podem fumar na instituição. Há relatos que fumam quando saem, mas nos também não os podemos proibir de sair, ou seja, nos temos é que ir trabalhando aqui com eles estas questões.”

O Acolhimento:

14)Quais são os tipos de interações existentes entre os profissionais e as Crianças e Jovens em Perigo?

“Pronto é assim, a equipa educativa interage mais no sentido das rotinas diárias, elas são aqui os nossos olhos, porque são elas que estão aqui na linha

da frente, elas é que vão ver os quartos, elas é que estão aqui a ver se eles dormem, se eles comem, ou seja, elas estão aqui mesmo na linha da frente, elas conseguem se aperceber mais facilmente de alterações de comportamentos deles, e depois elas também fazem algumas atividades com eles, quando é possível, saem com eles, têm ido à praia. Por isso, ou seja, existe aqui uma relação educativa, mas também uma relação de lazer e é o mesmo connosco porque eles até têm uma boa relação connosco. Eles vêm ter connosco, até têm à vontade para dizer as coisas até demais, mas isso é bom. Senta-se connosco aqui no escritório, há muita aquela necessidade, principalmente em momento de escola de chegar e dizer como é que correu o dia. Mas isso é bom, isso é positivo, ou seja, acho que conseguimos estabelecer aqui uma relação de eles sabem que nos somos aquelas pessoas de referência, aquelas pessoas que estão aqui para aquilo que eles precisam, mas acho que eles conseguem perceber que nos também estamos cá para os ajudar naquilo que eles precisam. Quando se metem em sarilhos sabem vir logo dizer, e é do género, socorro.”

15) Que dificuldades, apresentam estas Crianças/Jovens no momento da sua entrada em contexto de Acolhimento?

“Há uma coisa que eu sempre disse e eles continuam a fazer, que é, quem cá está, recebe muito bem quem chega, porque acho que eles se conseguem por no lugar do outro. Tanto que os acolhimentos são programados, nos informamos o grupo, olhem dia tal, x horas, vai chegar um jovem. Depois eles fazem as perguntas, se é menino, menina, a idade, entre outros. Quando esse jovem chega já eles sabem o nome e algumas coisas e recebem-no muito bem. Ou seja, da experiência que eu tenho tido, só tivemos aqui secalhar um ou outro que teve mais dificuldade.”

16) Existência ou não de um Projeto de Vida para estas Crianças/Jovens?

“Sim, todos têm de ter um projeto de vida. Nós sentamo-nos com eles e decidimos com eles o que eles querem fazer. Seja autonomia, retorno à família e por vezes adoção.”

17) Existência ou não de profissionais competentes para acompanhar estas Crianças/jovens?

“Houve uma grande mudança na equipa, esta saída dos técnicos da equipa acabou por ser negativo para eles. Neste momento temos uma equipa reduzida, o que faz com que o trabalho não seja ideal como uma equipa totalmente preenchida. Nem sempre conseguimos chegar a todos porque eles são muitos para a quantidade de técnicas que temos neste momento.”

18) Enquanto Assistente Social, caso fosse possível, o que melhorava no processo/accompanhamento de Acolhimento destas Crianças/Jovens?

“Primeiro, estas retiradas deviam ser mais cedo. Todo o processo do acolhimento tem de ser trabalhado antes. Infelizmente chegam-nos aqui miúdos com 15 anos que deviam ter sido retirados aos 10 anos. Depois quando nos chegam, já chegam com uma maneira de ser e estar que as vezes é um bocadinho difícil de alterar. Não é impossível, mas é difícil, Ou seja, haver uma intervenção mais precoce. Mudava a forma como as vezes os miúdos nos chegam, nos recebemos o pedido, vem a informação, mas incompleta. Ou seja, temos de andar a contactar e isto e aquilo. Mudava também a forma como os técnicos nos trazem os jovens, é muito a postura do é so pouco tempo, vais para uma colónia de férias, no momento para facilitar a entrada, são muitas coisas ditas. Depois o tempo passa, eles sabem que não é uma colónia de férias, e depois começa a surgir as perguntas, a ansiedade quando é que saio e mentiram-me, ou seja, eu acho que este processo, da entrada na instituição, mais vale serem as coisas ditas como são, porque depois ficam com muitas expetativas.”

Papel de Técnica na Instituição:

19) De forma global, como define este contexto de intervenção?

“É uma área difícil e desafiadora. Muito desgastante. Há momentos que já estás cansada e dás por ti a pensar que já não estás aqui a fazer nada. Há momentos que é complicado gerir, que parece que não sais do mesmo sítio. Mas depois tens o outro lado, nem todos são assi, tens miúdos que evoluem que ouvem o que dizes, e esses momentos compensam.”

20) Quais os principais objetivos da intervenção enquanto na casa de acolhimento?

“Sabes que a palavra do nosso curso é a mudança. Eu acho que o grande objetivo aqui é mudar mentalidades e a forma como eles vêm as coisas. Trabalhar com eles as competências sociais e pessoais, integrá-los na comunidade.”

21)Quais são os modelos de intervenção que orientam a sua intervenção enquanto assistente social/técnico?

“Cada jovem tem o seu processo individual e é o que retrata a vida daquele jovem. Inicialmente fazemos uma avaliação diagnóstica para perceber as necessidades. E faz-se um relatório social passado algum tempo, assim como um plano individual, porque temos de definir aqui metas e objetivos para estes miúdos. O PI é feito em conjunto e assim é que faz sentido para ter a opinião e visão deles. Como é um momento a sós descobre mais um bocadinho sobre eles.”

22)Como descreve o decorrer de um processo de intervenção por parte do assistente social neste âmbito?

“Toda a intervenção, mesmo aquela que é burocrática. Eu acho que para mim o que consigo perceber mais coisas é o contacto com eles. Se sentirem que estas próxima deles e disponível. É essencial o contacto e comunicação com eles. Eles precisam de ligação, porque a eles faltou-lhes isso. Toda a intervenção tem de ser no contacto com eles.”

23)Quais os métodos de intervenção utilizados e as etapas que os compõem?

“Aqui é mais a prática. Temos de ter a parte processual, e as datas. Mas aqui é mais a parte prática. Abertura do processo, levantamento de necessidades, conhecer o jovem e depois começar a trabalhar com eles diretamente.”

24)Enquanto Assistente Social, quais as técnicas e instrumentos que utiliza neste contexto de intervenção?

“Abertura do processo, levantamento de necessidades.”

25)Como é que o Assistente Social mantém a sua especificidade no trabalho em equipa?

“Nos numa equipa multidisciplinar, completamo-nos uns aos outros. Todos temos a dar uns aos outros.”

26)De uma forma global, e pensando na intervenção concreta do Serviço Social, quais os principais obstáculos e dificuldades que identifica neste contexto?

“A fase do acolhimento inicial. Alguns obstáculos a nível da nossa intervenção.”

27)Quais os princípios éticos que mais se destacam na intervenção do Serviço Social em contexto de casa de acolhimento?

“Mudança, o desafio.”

28) Quais os dilemas éticos mais frequentes na sua prática profissional em contexto de casa de acolhimento?

“As vezes querer fazer mais e não conseguir fazer, por fatores externos e internos. As vezes tens capacidade e fazes o planeamento de fazer as coisas, mas depois somos limitados.”

Guião de entrevista – À Equipa Multidisciplinar da Casa de Acolhimento – “A Gaivota”

Objetivo: Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Esta entrevista será aplicada no âmbito de um estudo em curso sobre: “Qual é a importância do trabalho do Assistente Social enquanto elemento de uma Equipa Multidisciplinar da Casa de Acolhimento “A Gaivota” na integração das crianças e jovens? “que está a ser desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado em Serviço – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local.

Agradecimento à disponibilidade para colaborar no estudo. Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do estudo em curso. Garante-se total anonimato e confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação neste trabalho tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender. Nos termos constantes do RGPD – Regulamento Geral sobre Proteção de Dados informa-se adicionalmente que:

- 1) Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para os fins do estudo em curso, não sendo alvo de divulgação a mais ninguém ou entidade;
- 2) No fim do estudo (outubro de 2023), o registo áudio/vídeo da entrevista será destruído;
- 3) O responsável pela recolha e tratamento dos dados é, contactável através de: (larasilva3000@gmail.com);
- 4) O estudo está a ser realizado sob a coordenação/supervisão da Professora Antónia Silva (antonia.silva@ipbeja.pt) responsável pela Unidade Curricular: Métodos Avançados de Investigação em Ciências Sociais, do 1º Semestre do 1º Ano, do Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local do Instituto Politécnico de Beja.
- 5) O responsável pela área da proteção de dados no IPBeja é o Prof. Manuel Masseno (masseno@ipbeja.pt) podendo expor reclamação, se aplicável.

Boa tarde, esta entrevista será aplicada no âmbito de um estudo em curso sobre um projeto social que constitua uma boa prática que promove o desenvolvimento comunitário, que está a ser desenvolvido no âmbito do Curso

de Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, do Instituto Politécnico de Beja.

A entrevista será realizada entre a aluna Lara Silva e a equipa multidisciplinar/educativa da Gaivota.

Desde já, agradeço a sua disponibilidade e colaboração na realização desta entrevista.

Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do estudo em curso.

Garante-se total confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender.

No decorrer desta entrevista, irei fazer algumas perguntas relacionadas com os entrevistados, assim como a Casa de acolhimento – “A Gaivota”.

Entrevista – E (c)

Diretora Técnica

Caracterização do Entrevistado:

1) Que idade tem?

“Tenho 43.”

2) Qual a sua formação académica?

“Educação Social e Gestão.”

3) Qual a sua atividade profissional?

“Sou Educadora Social. Sou Diretora Técnica da gaivota.”

4) Quais os motivos que a levaram a trabalhar nesta Casa de Acolhimento?

“Eu tenho formação em mediação familiar, como educadora social, esta área sempre me interessou, surgiu a oportunidade e eu aceitei”.

5) Quais as principais funções que desempenha no seu dia-a-dia?

“Tenho de articular e dar resposta a tribunais, cpcjs, escolas e equipas da casa, assim como a provedora da santa casa. Tenho também a gestão interna da casa e pronto tenho de estar sempre a par de tudo.”

6) Como avalia o trabalho que realiza?

“Estou aqui nem há 1 ano e é um trabalho que é muito exigente, mas a equipa tem feito um trabalho que tem pontos que tinham de ser mudado.”

Experiência do Entrevistado:

7) Há quanto tempo é Diretora Técnica? Qual foi a sua primeira experiência enquanto Técnica?

“Vai fazer agora 1 ano. Foi aqui a minha primeira experiência.”

8) Trabalha há muito tempo nesta temática de Crianças e Jovens em Perigo?

“À menos de 1 ano.”

9) Foi uma temática que sempre lhe interessou? Se sim, Porquê?

“Sim, como referi já acima, tinha a formação em mediação familiar e sempre quis trabalhar nesta temática.”

10) Quantas horas de trabalho adicional realiza?

“Todos os dias quase faço meia-hora, ou uma hora a mais.”

Situação Relacional do Entrevistado com as Crianças e Jovens:

11) De que forma, funciona o seu relacionamento de Diretora Técnica, com estas Crianças/Jovens?

“Na base da relação, tem que se criar relação e através dela, chegar até eles.”

12) De que forma, estabelece enquanto Diretora Técnica, a comunicação com os familiares destas Crianças/Jovens?

“Ou se marca reuniões ou por telefone.”

13) Quais são as maiores dificuldades sentidas enquanto Diretora Técnica, na sua intervenção com estas Crianças/Jovens?

“Queremos sempre fazer mais, mas as vezes os meios não são ideias, e o tempo nem sempre ajuda.”

O Acolhimento:

14) Qual a relação dos profissionais com as crianças/jovens?

“Tem uma boa relação com a maior parte deles. Todas funcionamos muito a base da relação.”

15) Qual o número de funcionários por cada criança/jovem?

“Tinha que fazer a conta.”

16) Qual a importância do trabalho dos técnicos juntos das Crianças/Jovens?

“Para além da gestão da casa. Os miúdos têm que ter uma intervenção intencional. Eles estão aqui damos uma cama limpa, roupa limpa, vão à escola. Temos de fazer um trabalho para que quando saiam daqui irem com competências para contribuírem mais para a sociedade. E que os filhos deles um dia não possam ir para a uma casa de acolhimento. Para isso temos que conhecer e trabalhar com eles. Percebemos quais são os agentes que temos de movimentar.”

17) Como deve ser a relação entre o técnico e o jovem?

“Esse é um equilíbrio que nunca pudemos esquecer. Abrir espaço para haver relação. Temos de fazer o papel de educadora, através da relação e espaço para ouvir o miúdo. Mas tem que se ter algum cuidado para não esquecer do nosso papel, nem eles acharem que estamos aqui para sermos o estafe deles.”

18) Existe uma figura significativa (mais concretamente um adulto) dentro da instituição, para cada criança e ou jovem?

“Nos temos os miúdos distribuídos por técnicas para fazermos os planos individuais deles. Tentamos que cada técnica chegue melhor a cada miúdo que tem na sua lista. As vezes a equipa educativa é que é a figura de referencia e não somos nós técnicas.”

O Acolhimento:

19) Que dificuldades, apresentam estas crianças/jovens no momento da sua entrada em contexto de acolhimento?

“Da imagem negativa que têm das casas de acolhimento em geral. Eles não sabem para o que é que vão, não sabem como vão ser tratados e depois obviamente a falta das famílias.”

20) Quais os procedimentos de acolhimento das crianças/jovens quando estes chegam à instituição?

“Nos temos sempre uma conversa com eles quando eles chegam, tentamos explicar aqui um bocadinho como é que é o funcionamento da casa. Tentamos perceber as expetativas deles e os medos. Tentamos expetativas da nossa parte do que esperamos deles, cumprir as regras, o funcionamento da casa que têm de cumprir determinadas tarefas e horários. O que podem esperar de nós. Apresentamos a casa e o quarto. Estarmos atentos a eles também.”

21) Como se processa a apresentação dos novos elementos às crianças e jovens que já estão integrados na instituição?

“De maneira muito natural, vamos apresentando o nome dos que já estão cá. Tentamos que não se isolem e pedimos ajuda aos que já cá estão”.

22) Existência ou não de um Projeto de vida para estas crianças e jovens?

“O plano de individual é mesmo isso. Todos têm de ter um objetivo. Seja o acordo de um mês, ou 1 ano.”

23) Existência ou não de profissionais competentes para acompanhar estas crianças e jovens?

“Sim, temos uma equipa toda com formação.”

24) Enquanto Diretora Técnica, caso fosse possível, o que melhorava no processo/accompanhamento de Acolhimento destas crianças/jovens?

“Temos um processo muito informal. Tem que ser um processo formal de todo registado do que temos de fazer. A criança ler o regulamento interno para saber com o que é que conta. Fazer uma lista de todo o que o menino trazia para ficar registado no processo.”

Papel de Técnica na Instituição

25) De forma global, como define este contexto de intervenção?

“Neste momento, acho que já esta mais alinhado como é suposto ser, apesar de não estar como eu gostaria de ser. Em termos de gestão toda a gente fazia tudo e isso já foi mudado. E era muito a gestão de hotel, as necessidades eram suprimidas mais tinha de ser mais que isso. Temos formação para mais que isso. Estamos a melhorar, mas ainda não estamos lá”.

Causas da Institucionalização e relação com as famílias

26) Quais são as principais causas do acolhimento?

“A maior parte deles é negligencia e falta de acompanhamento. A maioria das sinalizações dão-se na escola. Maior parte das vezes é porque eles não vão à escola. Maior parte deles vêm de famílias monoparentais. A mãe nem sempre consegue dar o apoio e acompanhamento que é necessário. Por vezes, também abuso e agressividade com as crianças”.

27) As famílias participam nas atividades de vida diária e/ou em outras atividades desenvolvidas na instituição?

“Muito pouco. Ideal seriam ir às consultas com os miúdos, mas praticamente não acontece.”

28) Considera importante fomentar os laços afetivos significativos existentes antes do acolhimento?

“Se for uma relação saudável, sim. Como é obvio as famílias têm de ser trabalhadas, no CAFAP.”

29) Quando as crianças/jovens retornam a casa, qual é o trabalho feito com eles e com as suas famílias?

“Nos não fazemos seguimento depois de eles saírem. A medida cessa. Em termos de legislação esta previsto de mudar.”

30)O que acha que podia ser diferente no trabalho com as famílias?

“Todas as famílias deviam ser acompanhadas pelo CAFAP. Devia ser obrigatório.”

Guião de entrevista – À Equipa Multidisciplinar da Casa de Acolhimento – “A Gaivota”

Objetivo: Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Esta entrevista será aplicada no âmbito de um estudo em curso sobre: “Qual é a importância do trabalho do Assistente Social enquanto elemento de uma Equipa Multidisciplinar da Casa de Acolhimento “A Gaivota” na integração das crianças e jovens? “que está a ser desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado em Serviço – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local.

Agradecimento à disponibilidade para colaborar no estudo. Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do estudo em curso. Garante-se total anonimato e confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação neste trabalho tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender. Nos termos constantes do RGPD – Regulamento Geral sobre Proteção de Dados informa-se adicionalmente que:

- 1) Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para os fins do estudo em curso, não sendo alvo de divulgação a mais ninguém ou entidade;
- 2) No fim do estudo (outubro de 2023), o registo áudio/vídeo da entrevista será destruído;
- 3) O responsável pela recolha e tratamento dos dados é, contactável através de: (larasilva3000@gmail.com);
- 4) O estudo está a ser realizado sob a coordenação/supervisão da Professora Antónia Silva (antonia.silva@ipbeja.pt) responsável pela Unidade Curricular: Métodos Avançados de Investigação em Ciências Sociais, do 1º Semestre do 1º Ano, do Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local do Instituto Politécnico de Beja.
- 5) O responsável pela área da proteção de dados no IPBeja é o Prof. Manuel Masseno (masseno@ipbeja.pt) podendo expor reclamação, se aplicável.

Boa tarde, esta entrevista será aplicada no âmbito de um estudo em curso sobre um projeto social que constitua uma boa prática que promove o desenvolvimento comunitário, que está a ser desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, do Instituto Politécnico de Beja.

A entrevista será realizada entre a aluna Lara Silva e a equipa multidisciplinar/educativa da Gaivota.

Desde já, agradeço a sua disponibilidade e colaboração na realização desta entrevista.

Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do estudo em curso.

Garante-se total confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender.

No decorrer desta entrevista, irei fazer algumas perguntas relacionadas com os entrevistados, assim como a Casa de acolhimento – “A Gaivota”.

Entrevista – E (d)

Ajudante de Ação Educativa

Caracterização do Entrevistado:

1) Que idade tem?

“50 anos”.

2) Qual a sua formação?

“Curso de integração educativa.”

3) Qual a sua atividade profissional?

“Neste momento, sou auxiliar de ação educativa.”

4) Quais os motivos que a levaram a trabalhar nesta Casa de Acolhimento?

“Os meninos.”

5) Quais as principais funções que desempenha no seu dia-a-dia?

“Tudo o que eles precisam, cuidar, amar, acolher, abraçar, dar de comer.”

6) Como avalia o trabalho que realiza?

“Não consigo fazer milagres. Aquilo que faço, fico com o coração cheio.”

Experiência do Entrevistado:

7) Trabalha há muito tempo nesta temática de Crianças e Jovens em Perigo?

“Não, 3 anos.”

8) Foi uma temática que sempre lhe interessou? Se sim, Porquê?

“Fui chamada dos recursos humanos. Havia duas opções, ou o jardim de infância da Guia, ou a Casa de Acolhimento. Eu aceitei vir para a Casa de Acolhimento.”

9) Quantas horas de trabalho adicional realiza?

“Fazemos 8 horas, ficamos para passar o turno. Se houver situações que seja necessário, ficamos mais tempo, mas não é frequente.”

Situação Relacional do Entrevistado com as Crianças e Jovens:

10) De que forma, funciona o seu relacionamento de Técnica, com estas Crianças/Jovens?

“É uma relação boa, de afeto. Gosto que eles venham ter comigo. Tento resolver os problemas e comunicar com eles.”

11) De que forma estabelece a comunicação com os familiares destas crianças e jovens?

“Não temos autorização para estabelecer comunicação com a família.”

12) Quais são as maiores dificuldades sentidas no seu trabalho com estas crianças/jovens?

“Acho que é necessária mais formação para trabalhar com estas crianças e jovens.”

O Acolhimento

13) Qual a qualidade das interações entre os adultos?

“Acho que agora está boa.”

14) Qual a qualidade das interações entre adultos e crianças?

“Acho que também está boa.”

15) Qual a qualidade das interações entre as próprias crianças?

“Entre eles é mais complicado. Os mais pequenos com os maiores. As fofocas entre os jovens.”

O Acolhimento

16) Como caracteriza as fases do acolhimento destas crianças/jovens?

“Acho que corre bem. Pouco a pouco começam a interagir. Começam a habituar-se às regras de casa.”

17) Quais são os tipos de interações existentes entre a equipa educativa e as crianças e jovens em perigo?

“Batem o pé até conseguirem o que querem, mas corre tudo bem. As interações são boas.”

18) Que dificuldades, apresentam estas crianças/jovens no momento da sua entrada em contexto de acolhimento?

“É tudo. Devemos saber um pouco mais sobre eles antes de chegarem, uma apresentação breve. Um exemplo, uma criança quando veio pensava que iam lhe bater e que ia ser mau, agora diz que adora estar na casa de acolhimento e que não tem medo. A casa está a trabalhar bem e a sentir conforto.”

19) De que forma, ocorre a adaptação destas crianças/jovens com a equipa educativa e restantes utentes?

“Pouco a pouco. Não se abrem a todas. Eles próprios escolhem as tias. No início vai ter só com uma. Com o tempo já se vai dando com as restantes tias.”

20) Existência ou não de profissionais competentes para acompanhar estas crianças/jovens?

“Sim, apesar de faltar formação para ir trabalhando com estas crianças e jovens. Estratégias e maneiras em certas situações específicas.”

21) Caso fosse possível, o que melhorava no processo/acompanhamento de acolhimento destas crianças/jovens?

“Precisavam mais na parte material. Roupa, calçado, bens essenciais.”

Funcionamento da Instituição

22) Quem está em relação direta com as crianças no quotidiano?

“São as tias.”

23) Quais as tarefas que são realizadas nessa interação?

“São preparados para a vida fora. Tentar ver se têm tudo preparado para a escola, banho, alimentação. Preparar para o futuro.”

24) Quem está com as crianças quando estas estão a estudar?

“o professor destacado para as crianças e jovens.”

25) Quem está com as crianças quando estas tomam as refeições?

“As tias e uma auxiliar de serviço geral.”

26) Quem está com as crianças quando estas vão para a escola?

O motorista. As tias de manhã são as únicas que acompanham.”

27) Quem acompanha as crianças nas tarefas de arranjo dos vários espaços? Quarto? Sala de Jantar? Outros?

“Todas as tias. Estamos sempre onde eles estão.”

28) Quem fica com as crianças de noite? Como é preparado o deitar?

“São as tias. Lavam os dentes, os mais pequenos vão mais cedo, os jovens vão mais tarde. Antes lia-se histórias, agora já não..., mas isso não interessa. Deixamos uma luz de presença para puderem ir à casa de banho de noite.”

29) Quem brinca com as crianças? Como são desenvolvidas essas brincadeiras?

“São as tias. De momento, não temos animadora. Também fazem atividades com as doutoras.”

30) Os conflitos são frequentes? Quais as causas mais comuns? Como são resolvidos?

“Sim, depende dos dias. Agora é o namoro, boates, fofocas. Tentamos separar, falar com eles e fazer com que cada um peça desculpa um ao outro.”

31) As crianças são sinais de (des) agrado na interação com os pares? Quais os sinais habituais?

“Eles ou vêm falar connosco ou ficam tristes e nos percebemos e vamos falar com eles. Nota-se quando alguma coisa se passa. Têm as suas formas de mostrar, expressar.”

32) O que é que não deve acontecer na relação entre adultos, a fim que estes possam ser um modelo de referência para as crianças?

“Eles percebem bem quando as tias não estão bem. Nunca falar à frente deles sobre alguém, tia ou técnica, sermos mais discretas.”

33) Quais os princípios de relacionamento interpessoal em que os adultos devem investir de modo a fornecer um modelo relacional construtivo, estruturante e securizante?

“Assertiva, compreensível, passiva, todo de positivo, nada de negativo, pontual e amar. Só coisas boas. Já basta a bagagem negativa que trazem.”

34) No que diz ao acompanhamento destas Crianças/Jovens, este funciona de que forma?

“Existem coisas que podiam mudar, mas funciona bem. Existe algo que tem de ser trabalho ainda.”

35) Na instituição onde trabalha, considera que a participação das crianças existe?

“Sim, têm. Eles nem sempre conseguem ter a atitude de falar. Eles precisam de mais incentivo e coragem para fazerem e falar. Eles podem sair daqui bem formados. Têm muita oportunidade. Podem realizar tudo, falta motivação por parte de alguns.”

36) Como se mostra que se gosta de estar com a criança?

“Por atitudes, carinho. Coisas que consegues fazer por eles. As coisas mais básicas e pequenas para eles é muito. Mas todos os dias é necessário fazer isso, para que eles entendam que as tias gostam deles.”

Guião de entrevista – À Equipa Multidisciplinar da Casa de Acolhimento – “A Gaivota”

Objetivo: Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Esta entrevista será aplicada no âmbito de um estudo em curso sobre: “Qual é a importância do trabalho do Assistente Social enquanto elemento de uma Equipa Multidisciplinar da Casa de Acolhimento “A Gaivota” na integração das crianças e jovens? “que está a ser desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado em Serviço – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local.

Agradecimento à disponibilidade para colaborar no estudo. Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do estudo em curso. Garante-se total anonimato e confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação neste trabalho tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender. Nos termos constantes do RGPD – Regulamento Geral sobre Proteção de Dados informa-se adicionalmente que:

- 1) Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para os fins do estudo em curso, não sendo alvo de divulgação a mais ninguém ou entidade;
- 2) No fim do estudo (outubro de 2023), o registo áudio/vídeo da entrevista será destruído;
- 3) O responsável pela recolha e tratamento dos dados é, contactável através de: (larasilva3000@gmail.com);
- 4) O estudo está a ser realizado sob a coordenação/supervisão da Professora Antónia Silva (antonia.silva@ipbeja.pt) responsável pela Unidade Curricular: Métodos Avançados de Investigação em Ciências Sociais, do 1º Semestre do 1º Ano, do Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local do Instituto Politécnico de Beja.
- 5) O responsável pela área da proteção de dados no IPBeja é o Prof. Manuel Masseno (masseno@ipbeja.pt) podendo expor reclamação, se aplicável.

Boa tarde, esta entrevista será aplicada no âmbito de um estudo em curso sobre um projeto social que constitua uma boa prática que promove o desenvolvimento comunitário, que está a ser desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, do Instituto Politécnico de Beja.

A entrevista será realizada entre a aluna Lara Silva e a equipa multidisciplinar/educativa da Gaivota.

Desde já, agradeço a sua disponibilidade e colaboração na realização desta entrevista.

Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do estudo em curso.

Garante-se total confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender.

No decorrer desta entrevista, irei fazer algumas perguntas relacionadas com os entrevistados, assim como a Casa de acolhimento – “A Gaivota”.

Entrevista – E (e)

Ajudante de Ação Educativa

Caracterização do Entrevistado:

1) Que idade tem?

“52 anos”.

2) Qual a sua formação?

“Tenho o 9º ano.”

3) Qual a sua atividade profissional?

“Neste momento, sou ajudante de ação educativa.”

4) Quais os motivos que a levaram a trabalhar nesta Casa de Acolhimento?

“Sempre gostei de trabalhar com crianças. Cada um de nós nasce com uma vocação e esta deve ser a minha.”

5) Quais as principais funções que desempenha no seu dia-a-dia?

“Cuidar, dar carinho, ensinar na higiene e em tudo o que é necessário como se fosse os nossos filhos, é a mesma coisa.”

6) Como avalia o trabalho que realiza?

“Faço sempre o meu melhor.”

Experiência do Entrevistado:

7) Trabalha há muito tempo nesta temática de Crianças e Jovens em Perigo?

“Há 20 anos.”

8) Foi uma temática que sempre lhe interessou? Se sim, Porquê?

“É assim, quando entrei não tinha bem noção. Cada caso é um caso e vai se apreendendo.”

9) Quantas horas de trabalho adicional realiza?

“Trabalho 7h30 diárias. Já tem acontecido fazer uma hora a mais quando é necessário.”

Situação Relacional do Entrevistado com as Crianças e Jovens:

10) De que forma, funciona o seu relacionamento de Técnica, com estas Crianças/Jovens?

“Tudo bem. Corre tudo bem. Eles me vêm como uma avó já.”

11) De que forma estabelece a comunicação com os familiares destas crianças e jovens?

“Não temos grande oportunidade para falar com eles, só quando ligam, ou vêm buscar algum jovem e damos o termo para assinar, ou quando o recebemos e dão alguma informação necessária.”

12) Quais são as maiores dificuldades sentidas no seu trabalho com estas crianças/jovens?

“Tentar perceber o porquê de algumas atitudes deles, porque no fundo há sempre alguma coisa, e até chegarmos lá às vezes é complicado.”

O Acolhimento

13) Qual a qualidade das interações entre os adultos?

“Portanto. Eu dou-me bem com toda a gente. Pessoalmente não tenho nada a dizer.”

14) Qual a qualidade das interações entre adultos e crianças?

“Cada pessoa tem a sua forma de interagir. Todas as pessoas fazem falta por serem todas diferentes. Ninguém interage de forma igual, e isso é que faz uma equipa funcionar.”

15) Qual a qualidade das interações entre as próprias crianças?

“São adolescentes, existem coisas entre eles que se aborrecem às vezes.”

O Acolhimento

16) Como caracteriza as fases do acolhimento destas crianças/jovens?

“Fase inicial não é nada fácil. Já viu os jovens entrarem numa casa que não conhecem ninguém, rotinas diferentes, tudo fica alterado. Temos de meter no lugar deles e imaginar como será ser retirado das nossas famílias. Temos de apoiar e acolhê-los.”

17) Quais são os tipos de interações existentes entre a equipa educativa e as crianças e jovens em perigo?

“Eu falo por mim. Eu não faço nada diferente do que faço ao meu filho. Eu sou apologista do falar, entender, do explicar e fazer compreender as coisas e por norma isso resolver. É o que faço, falo com o jovem e explico as coisas, e eles ouvem.”

18) Que dificuldades, apresentam estas crianças/jovens, no momento da sua entrada em contexto de acolhimento?

“Um bocadinho a visão que hoje em dia eles têm da casa de acolhimento, mas depois ficam surpreendidos pela positiva.”

19) De que forma, ocorre a adaptação destas crianças/jovens com a equipa educativa e restantes utentes?

“Uns mais rápidos do que outros. Cada um tem a sua personalidade. Mas depressa arranjam alguém da casa ou das tias e é uma questão de afinidade.”

20) Existência ou não de profissionais competentes para acompanhar estas crianças/jovens?

“Existem, claro que sim.”

21) Caso fosse possível, o que melhorava no processo/accompanhamento de acolhimento destas crianças/jovens?

“A parte do acolhimento essencialmente o que precisam é de apoio e sentirem que estão sempre ali para o ajudar.”

Funcionamento da Instituição

22) Quem está em relação direta com as crianças no quotidiano?

“São as tias e as doutoras, mas somos nós mais.”

23) Quais as tarefas que são realizadas nessa interação?

“Os jovens de manhã, despacham-se para ir para a escola. Voltam, lancham, depois têm um professor e uma psicóloga. Depois tomam o seu banho e fazem a higiene. Jantam e depois relaxam a ver televisão ou jogar à bola. Depende do que querem. Lavam os dentes e depois vão dormir.”

24) Quem está com as crianças quando estas estão a estudar?

“É o professor.”

25) Quem está com as crianças quando estas tomam as refeições?

“É as tias.”

26) Quem está com as crianças quando estas vão para a escola?

“Vai o motorista e uma tia.”

27) Quem acompanha as crianças nas tarefas de arranjo dos vários espaços? Quarto? Sala de Jantar? Outros?

“É as tias.”

28) Quem fica com as crianças de noite? Como é preparado o deitar?

“São as tias que fazem a noite. Quando chega a hora de deitar, vão para os quartos e dormem.”

29) Quem brinca com as crianças? Como são desenvolvidas essas brincadeiras?

“Essencialmente uns com os outros. Os mais velhos é as tecnologias.”

30) Os conflitos são frequentes? Quais as causas mais comuns? Como são resolvidos?

“As vezes sim. Mas existem semanas que não há nenhum. As causas, aqui nunca se pode chamar de nomes, uma vez que a família é defendida sempre com determinação. Mas as vezes são coisinhas mesmo mínimas deles. Na hora tentamos separar se estiverem a lutar, acalmar e falar com os jovens.”

31) As crianças são sinais de (des) agrado na interação com os pares? Quais os sinais habituais?

“Mostram e dizem mesmo.”

32) O que é que não deve acontecer na relação entre adultos, a fim que estes possam ser um modelo de referência para as crianças?

“Uma coisa que nunca pode acontecer é ver dois adultos a zangar, ou utilizar palavras erradas. Mas nunca ouvi. Temos de ser o exemplo, apesar de sermos seres humanos, mas temos de ter cuidado que apanham tudo.”

33) Quais os princípios de relacionamento interpessoal em que os adultos devem investir de modo a fornecer um modelo relacional construtivo, estruturante e securizante?

“No meu caso, eu tento transparecer a eles, ajudar o próximo e perdoar. Toda a gente erra e é a falar que as pessoas se entendem e resolvem os problemas.”

34) No que diz ao acompanhamento destas Crianças/Jovens, este funciona de que forma?

“Dentro do possível, aqui prestamos um grande serviço. Existem meninos com muitas crises e estão tão melhores e não estão aqui há muito tempo.”

35) Na instituição onde trabalha, considera que a participação das crianças existe?

“Sim, claro que sim.”

36) Como se mostra que se gosta de estar com a criança?






“Os pequenos gestos que temos para eles, as pequenas grandes preocupações, eles percebem que gostamos deles.”

Apêndice 2 – Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			
Posso falar com um técnico sempre que preciso			
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			
Recebo todos os cuidados que necessito			
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			

A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor			
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição			
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porquê?

Sim	Não

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

Fonte: Elaboração Própria



Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito		X	
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			



fazer mais coisas e para as fazer melhor		X	
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição		X	
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento		X	

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
			X	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	X



3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

prA mim é conhecer pessoas novas e acolhet-las
com toda a minha simpatia e por que gosto das pessoas
daqui da casa de acolhimento

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:


O pior é que quando há más coisas más, como
por exemplo, confusões e outras coisas.

Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento		X	
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso		X	
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito		X	
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			X

fazer mais coisas e para as fazer melhor		2	
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição		X	
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
		X	X	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	JA estou Satisfeito



3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

fazer as atividades.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?



Resposta:

não poder ~~deitar~~ ir mais tarde para a cama.








Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo		Às vezes		Concordo	
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Posso falar com um técnico sempre que preciso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
A Casa de Acolhimento é segura e confortável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Recebo todos os cuidados que necessito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
		✗		

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Tudo

Sim	Não
A	

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta: O espaço

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta: A comida

Beja
2022/2023




Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento		X	
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			X

fazer mais coisas e para as fazer melhor		2	
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição		X	
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
		X	X	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	JA estou Satisfeito

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Fazer Toda a Tipo de Atividades em
pessoal da casa.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

Comida

Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso		X	
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			X

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Fazer Toda a Tipo de Atividades em
pessoa da casa.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

Comida



Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso		X	
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			X



fazer mais coisas e para as fazer melhor			X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição		X	
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
		X	X	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	X

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Fazer Toda a Tipo de Atividades em
pessoal da casa.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

Comida

Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo		Às vezes		Concordo	
	Muito	Satisfeito	Pouco	Satisfeito	Muito	Satisfeito
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento		X				
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso					X	
Posso falar com um técnico sempre que preciso					X	
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança					X	
A Casa de Acolhimento é segura e confortável					X	
Recebo todos os cuidados que necessito					X	
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta	X					
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor	X					
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição					X	
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento					X	



1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
	X	X		

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	X

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

O S colegas

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

~~Pouca~~
comida



Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento	X		
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito		X	
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor			X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição			X
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento		X	



1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
X				

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
X	

3) O que é o melhor da casa de acolhimento? *algumas coisas porque elas são sem regras das regras*

Resposta:

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

COMIDA



Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			



fazer mais coisas e para as fazer melhor			<input checked="" type="checkbox"/>
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição			<input checked="" type="checkbox"/>
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			<input checked="" type="checkbox"/>

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
			<input checked="" type="checkbox"/>	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	<input checked="" type="checkbox"/>



3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

as Tias e os amigos que eu faço
e algumas comidas

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

algumas pessoas que falam
mal das coo.



Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo		Às vezes		Concordo	
	Muito	Pouco	Muito	Pouco	Muito	Pouco
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X			
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso					X	
Posso falar com um técnico sempre que preciso					X	
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X			
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X			
Recebo todos os cuidados que necessito					X	
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X			
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor			X			
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição					X	
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento					X	

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

semplago

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

Nada



Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento	X		
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso		X	
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável		X	
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor		X	
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição		X	
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			X



fazer mais coisas e para as fazer melhor			<input checked="" type="checkbox"/>
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição			<input checked="" type="checkbox"/>
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			<input checked="" type="checkbox"/>

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
			<input checked="" type="checkbox"/>	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	<input checked="" type="checkbox"/>

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?


Resposta:

semplago

4) O que é o pior da casa de acolhimento?


Resposta:

Nada


IPBeja

 INSTITUTO POLITÉCNICO

 DE BEJA


IPBeja ESCOLA SUPERIOR

 Educação

Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo		Às vezes		Concordo	
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Posso falar com um técnico sempre que preciso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
A Casa de Acolhimento é segura e confortável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Recebo todos os cuidados que necessito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>






Beja

 2022/2023

IPBeja INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

IPBeja ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
			x	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	x

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

O melhor da casa de acolhimento é o facto de sermos imensas jovens, assim não temos tempo de nos sentirmos sozinhas porque temos sempre alguém com quem nos identificamos.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

O pior na casa de acolhimento é a falta de comunicação, a diferença de tratamento e a arrogância por parte de algumas tias e outros jovens.

Beja
2022/2023






Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			X

fazer mais coisas e para as fazer melhor			X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição		X	
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
		X		

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	X

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

gaiivota

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

castigos








Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança		X	
A Casa de Acolhimento é segura e confortável		X	
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor		X	
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição		X	
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			X

IPBeja INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

IPBeja ESCOLA SUPERIOR DE Educação

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
			X	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	Não

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Na casa ~~tem~~ quase tudo bom mas o melhor é a Respeito educação e a socialidade com tios/ús e Docentes também as atividades.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

Não há nada de "Pior" mas, um pouco mau é as vezes ~~tem~~ as regras. ~~é~~ É bom ter regras mas à algumas que não gostamos mas o respeitamos.

Beja
2022/2023



Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento	X		
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso		X	
Posso falar com um técnico sempre que preciso		X	
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança	X		
A Casa de Acolhimento é segura e confortável	X		
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor		X	
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição	X		
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento		X	



3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Eu gosto das atividades e etc...

4) O que é o pior da casa de acolhimento?



Resposta:

não tenho








Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento	X		
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso		X	
Posso falar com um técnico sempre que preciso		X	
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança	X		
A Casa de Acolhimento é segura e confortável	X		
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor		X	
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição	X		
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento		X	

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
			X	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	X

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

os jovens

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:



A comida

Beja
2022/2023








Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Posso falar com um técnico sempre que preciso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
A Casa de Acolhimento é segura e confortável	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Recebo todos os cuidados que necessito	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
		x		

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	<p>porque estou <i>estou bem</i> a ss. <i>ss. um</i></p>

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

uma casa acolhedora, sem conflitos e sem crises para chatear a cabeça

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

sem teto.

Beja
 2022/2023








Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança		X	
A Casa de Acolhimento é segura e confortável		X	
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor		X	
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição		X	
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			X

IPBeja INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

IPBeja ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
			X	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
X	

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Melhor comida (e mais)
ar condicionado
mais quartos

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

há muitas pessoas.
As vezes a comida é uma merda e as vezes
não dá para repetir. Não podemos sair com
pessoas menores de 14.

Beja
2022/2023








Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento		X	
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança		X	
A Casa de Acolhimento é segura e confortável		X	
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			X



fazer mais coisas e para as fazer melhor			X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição		X	
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento	X		X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
		X		

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	X

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Poder estudar.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:






Peixe

Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as sequintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança		X	
A Casa de Acolhimento é segura e confortável		X	
Recebo todos os cuidados que necessito		X	
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			

fazer mais coisas e para as fazer melhor				X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição				X
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento				X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
			X	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	X

64

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Poder estudar.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

Peixe

fazer mais coisas e para as fazer melhor			X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição			X
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
X				
		X		

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
Espero exterior	



3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Poder estudar.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

Peixe





Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			X

63

fazer mais coisas e para as fazer melhor			X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição			X
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
		X		

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
X	



3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

OS Amigos, AS doutoras, e os tios.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

comporta mentos de alguns dos jovens que tornam um Mau Ambiente em casa.






Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável		X	
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta	X		
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			X

63

fazer mais coisas e para as fazer melhor				X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição				X
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento				X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
			X	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	X

64



3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

OS Amigos, AS doutoras, e os tios.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?


Resposta:

comportamentos de alguns dos jovens que tornam um Mau Ambiente em casa.



Questionário:


<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso		X	
Posso falar com um técnico sempre que preciso		X	
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito	X		
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			



IPBeja

 INSTITUTO POLITÉCNICO

 DE BEJA








IPBeja ESCOLA SUPERIOR

 de Educação

fazer mais coisas e para as fazer melhor				X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição				X
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento				X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
			X	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	X

64

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

O quarto.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

A comida da casa.



Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso		X	
Posso falar com um técnico sempre que preciso		X	
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito	X		
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			




fazer mais coisas e para as fazer melhor			X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição			X
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento	X		X


1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				X

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	Não porque é como uma família

 IPBeja
INSTITUTO POLITÉCNICO
DE BEJA

 IPBeja ESCOLA SUPERIOR
DE
Educação

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

O melhor da casa é o conforto na rua.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

As regras.

65

IPBeja
INSTITUTO POLITÉCNICO
DE BEJA

IPBeja ESCOLA SUPERIOR
DE
Educação






Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso		X	X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança		X	
A Casa de Acolhimento é segura e confortável		X	X
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			

63

fazer mais coisas e para as fazer melhor				X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição		X		
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento				X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
	X			

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	Acho que não porque tou a gostar



3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

O horário. E as tias que se preocupam connosco.
E a Doutora Daniella.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

A comida que chega abrasada. E tantas pessoas.
Não muitas atividades. Não há chocolate.








Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito	X		X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu		X	



fazer mais coisas e para as fazer melhor			
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição			X
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento	X		X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
			X	

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
	X

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Confiança com as tias.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

Algumas regras que discordo.



Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento		X	
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito		X	X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu		X	



fazer mais coisas e para as fazer melhor			X
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição			X
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento			X

1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
X				
		X		

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
Eu gosto desta e é uma boa casa técnica e há duas boas pessoas que podemos	

confiar sempre, eu mudaria pra ir para a de lá

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

fazer as atividades.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

não poder ~~de~~ ir mais tarde para a cama.



Questionário

Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Posso falar com um técnico sempre que preciso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
A Casa de Acolhimento é segura e confortável	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Recebo todos os cuidados que necessito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu fazer mais coisas e para as fazer melhor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Participo nas atividades que faço sempre dentro e fora da instituição	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conheço as regras que devo cumprir na casa de acolhimento	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>



1) De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação com a casa de acolhimento?

Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
				
				X

2) Se pudesse, mudaria de casa de acolhimento? Se sim, porque?

Sim	Não
X	

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

é termos um sitio para estudar, para ~~de~~ dormir e para comer e ~~para~~ as pessoas que temos.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

os mais velhos ~~os~~ chamareiros de normas.



Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso		X	
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança	X		X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável	X		
Recebo todos os cuidados que necessito		X	
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu		X	

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Confiança com as tias.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

Algumas regras que discordo.



Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança			X
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito			X
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta			X
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			X

3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

fazer as atividades.

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

não poder ~~de~~ ir mais tarde para a cama.



Questionário:

<u>Diga-nos a sua opinião sobre as seguintes afirmações:</u>	Discordo	Às vezes	Concordo
Sou tratado de forma igual por todos os elementos da casa de acolhimento			X
A equipa da casa de acolhimento ajuda-me quando eu preciso			X
Posso falar com um técnico sempre que preciso			X
Quando estou na casa de acolhimento, sinto-me em segurança		X	
A Casa de Acolhimento é segura e confortável			X
Recebo todos os cuidados que necessito		X	
Quando tenho uma questão, recebo sempre uma resposta		X	
A Casa de Acolhimento dá-me sempre força para eu			X



3) O que é o melhor da casa de acolhimento?

Resposta:

Amigos

4) O que é o pior da casa de acolhimento?

Resposta:

Espaço exterior

Apêndice 3 - Declaração de Consentimento

Declaração de Consentimento – 5 Entrevistas

Eu, **Lara Rodrigues Silva**, solicito a sua participação num estudo de investigação social (Dissertação), para o término e obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, cujo objetivo genérico é:

Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Neste sentido, ao abrigo do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril (RGPD), gostaria de contar com o seu consentimento para a realização de uma entrevista, cujas respostas serão confidenciais e utilizadas para fins de investigação.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização a qualquer momento, se assim o entender.

Data: ___/___/_____

Assinatura: _____



Declaração de Consentimento

Eu, **Lara Rodrigues Silva**, solicito a sua participação num estudo de investigação social (Dissertação), para o término e obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, cujo objetivo genérico é:

Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Neste sentido, ao abrigo do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril (RGPD), gostaria de contar com o seu consentimento para a realização de uma entrevista, cujas respostas serão confidenciais e utilizadas para fins de investigação.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização a qualquer momento, se assim o entender.

Data: 26/09/23

Assinatura: Ana Sofia Colares



Declaração de Consentimento

Eu, **Lara Rodrigues Silva**, solicito a sua participação num estudo de investigação social (Dissertação), para o término e obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, cujo objetivo genérico é:

Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Neste sentido, ao abrigo do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril (RGPD), gostaria de contar com o seu consentimento para a realização de uma entrevista, cujas respostas serão confidenciais e utilizadas para fins de investigação.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização a qualquer momento, se assim o entender.

Data: 27/09/2023

Assinatura: Silvia Afonso



Declaração de Consentimento

Eu, **Lara Rodrigues Silva**, solicito a sua participação num estudo de investigação social (Dissertação), para o término e obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, cujo objetivo genérico é:

Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Neste sentido, ao abrigo do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril (RGPD), gostaria de contar com o seu consentimento para a realização de uma entrevista, cujas respostas serão confidenciais e utilizadas para fins de investigação.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização a qualquer momento, se assim o entender.

Data: 27/09/23

Assinatura: Helena Rolim



Declaração de Consentimento

Eu, **Lara Rodrigues Silva**, solicito a sua participação num estudo de investigação social (Dissertação), para o término e obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, cujo objetivo genérico é:

Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Neste sentido, ao abrigo do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril (RGPD), gostaria de contar com o seu consentimento para a realização de uma entrevista, cujas respostas serão confidenciais e utilizadas para fins de investigação.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização a qualquer momento, se assim o entender.

Data: 27/09/2023

Assinatura: Rafael Travenca Mendes



Declaração de Consentimento

Eu, **Lara Rodrigues Silva**, solicito a sua participação num estudo de investigação social (Dissertação), para o término e obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, cujo objetivo genérico é:

Compreender as competências e funções do assistente social (equipa multidisciplinar) na integração de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira – A Gaivota.

Neste sentido, ao abrigo do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril (RGPD), gostaria de contar com o seu consentimento para a realização de uma entrevista, cujas respostas serão confidenciais e utilizadas para fins de investigação.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização a qualquer momento, se assim o entender.

Data: 26/09/2023

Assinatura: Daniela Calhais

Apêndice 4 – Grelha de Análise de Conteúdo

Categoria	Subcategoria	Questões	Unidades de Registo